

O TORNAR-SE PESSOA NA ÓTICA ROGERIANA: OS DESAFIOS DE CONSTITUIR-SE APRENDIZ NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Superior da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Superior.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

2015

André Key de Oliveira

Graduado em Comunicação Social Publicidade e Propaganda e Psicologia.
Especialista em Desenvolvimento e Orientação da Família e Docência na Educação Superior (Brasil)

Orientador:

Prof. Dr. Darcísio Natal Muraro

Contacto:

andrekey_psicologia@hotmail.com

RESUMO

Tornar-se Pessoa remete à ideia de um processo de continuidade, complexidade e profundidade em busca de si mesmo, um olhar para a integralidade do sujeito e seu projeto de vir a ser pessoa articulado ao contexto da educação em que se apreende o conteúdo em primeira instância como cidadão, conseqüentemente os efeitos que o mesmo lhe causa em seu papel de aluno. O objetivo desta pesquisa é conhecer e analisar o conceito de pessoa na perspectiva de Rogers. Discute-se a contribuição deste conceito para a formação identitária do aluno, destacando a possibilidade de uma prática docente no ensino superior nesta direção. Quanto ao desenvolvimento teórico deste trabalho, aborda-se a visão humanística de homem segundo Carl Rogers, pesquisando bibliograficamente os conteúdos de forma qualitativa e de caráter exploratório. Busca também analisar a importância do pensar crítico na constituição do aluno como ser pessoa, por meio de uma educação que o capacite frente aos confrontos e desafios da vida tendo convicção de quem se é, e promovendo encontros congruentes com que sua interioridade sinaliza

para fazer, conectados ao campo da ação do sujeito. Para que isso ocorra, é necessário a pessoa sentir-se independente, caminhando por suas próprias escolhas sem a intervenção direta de outrem, obedecendo ao que o organismo pede para auto realizar-se.

Palavras-chave: Tornar-se Pessoa, ótica rogeriana, educação humanística, aprendizagem significativa.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

Uma das características que norteiam a sociedade como um todo, é a capacidade constante de se questionar acerca da vida. Perguntas como “Qual o seu sentido? Quem eu sou? O que tenho feito efetivamente neste mundo?” Atingem muitas vezes o âmago do ser humano. Eu, como ser ativo neste meio, me vejo neste tipo de indagação. E quando mergulho nestas reflexões, muitas vezes fico com uma sensação de incompletude, com desejo profundo de descobrir o que me realiza. Isto me fez buscar, de forma mais intensa, cursos que abordassem a questão do autoconhecimento referente à pessoa humana e como este entendimento me permite relacionar com este universo tão complexo e tão misterioso que é a sociedade, especialmente o ser humano.

Este sentimento despertou em mim o desejo de, não apenas passar pela experiência de fazer o curso de Psicologia, mas de me tornar uma pessoa melhor, tendo em mente uma perspectiva humanista do conhecimento, de modo que me permitisse relacionar humanamente com as pessoas, proporcionando um verdadeiro encontro existencial para com o meu próximo.

Esta atitude de querer, através da ação prática, humanizar as relações, propiciando ao outro um encontro identitário com o seu ser, despertando em mim um interesse em estender o estudo desta problemática na formação em nível de Educação Superior. Isto porque acredito que, o docente pode ser um colaborador e facilitador da formação personalista do sujeito aluno.

A formação identitária da pessoa, no sentido de ser capaz de se posicionar frente à vida, proporcionada pela formação personalista, consegue afetar as relações sociais. Esta pesquisa tem como foco analisar tal perspectiva personalista como uma abordagem que entende que a

aprendizagem extrapola a sala de aula, uma vez que ela lida com as convicções da pessoa no seu contexto existencial amplo.

Para isto levantou-se o seguinte problema de pesquisa: qual é a concepção de pessoa na perspectiva rogeriana e a sua contribuição para formação identitária do aluno a partir da prática docente?

A pesquisa adota a metodologia bibliográfica que direciona o trabalho para o levantamento das obras, nas quais Carl Rogers discute o conceito de pessoa. Em seguida, foram feitas leituras exploratórias, objetivando selecionar o material a ser analisado. Depois prosseguimos com uma leitura aprofundada interpretando e refletindo para compreender e sistematizar os conceitos elaborados pelo autor que servirão na produção deste trabalho.

Uma das fontes prioritária da pesquisa é a obra rogeriana intitulada *Tornar-se Pessoa* do qual extrairemos o conceito de pessoa. Neste estudo da abordagem centrada na pessoa (ACP) entendida por Rogers não como uma teoria, mas “Um Jeito de Ser”, são esclarecidos termos como: ACP, experiência orgânica, tendência atualizante e auto-realização.

A partir da pesquisa nos livros *Um Jeito de Ser*, *Grupos de Encontro*, *Sobre o Poder Pessoal*, *De Pessoa para Pessoa* e artigos que tratam sobre a pesquisa, será realizado o aprofundamento deste e outros conceitos pertinentes.

Consideramos importante analisar três atitudes facilitadoras que Rogers destaca para um funcionamento saudável da pessoa e sua personalidade: congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. Estas nortearam todo trabalho de Rogers nos demais pontos em que o mesmo buscou vivenciar através da ação prática, nos diversos aspectos de sua vida.

Na segunda parte, da pesquisa, será explicitada a Educação Humanística: o que é? Como funciona a pedagogia não-diretiva? Qual é o papel do professor? O que é aprendizagem significativa? Quais os processos para que o aluno conquiste e amadureça a autonomia como pessoa e também na educação superior, sendo sujeito da aprendizagem?

Para o alunado compreender melhor sua identidade enquanto papel acadêmico vivenciado por ele, é preciso um trabalho investigativo e vivencial do ser pessoa, nas quais as convicções se tornem mais consistentes, conseqüentemente uma autonomia se faz presente, na confiança de saber e de sentir a escolha do que é melhor para sua vida.

Portanto, é fundamental evidenciar a concepção de pessoa em Rogers uma vez que ele entende que há uma tendência inata do ser humano em crescer, desenvolver e construir-se a partir da experiência congruente, correspondendo às expectativas do organismo, ou seja, obedecer aquilo

que se sente como um todo organizado e integrado, sendo manifestados tais sentimentos de maneira adequada e coerente para cada sujeito.

CAPÍTULO I

A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)

Neste primeiro capítulo estudamos o surgimento da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers. Este movimento surgiu nos anos 1950, nos Estados Unidos e na Europa, em consequência de uma insatisfação com as direções até então assumidas pela Psicologia, como lembra Pretto (1978), salientando que

“Nesta época surgiram trabalhos que enfatizavam uma centralização na pessoa, nos valores humanos, naquilo que é fenomenológico e existencial. Destina-se finalmente a todos aqueles que estão interessados no estudo científico da criatividade, do amor, dos valores humanos mais altos, da autonomia, do crescimento, da auto-realização” (PRETTO, 1978, p. 11).

As consequências da II Guerra Mundial atingiram profundamente a dimensão subjetiva, gerando conflitos existenciais e a necessidade de buscar soluções para estes problemas. À medida que as pessoas vitimadas pela Guerra sofreram com a perda de seus entes queridos, uns por assassinato, outros ainda por suicídios, destruindo a família e laços de comunidade, os traumas de ordem emocional, causando inúmeros prejuízos, principalmente psicológicos, começaram a se manifestar nestas pessoas.

A dignidade humana foi abalada e muito pela falta de condições favoráveis ao ser pessoa, pois era comum se encontrar feridos, machucados, muitas vezes sem reações diante do caos provocado pela Guerra, fragilizados em todos os sentidos. Com isto, ficou mais patente a necessidade de as pessoas serem consideradas em seus afetos para, ao menos, encontrarem sentido ou direção para suas vidas.

Visando chegar a um novo paradigma de ser humano, no qual o centro das atenções seria a pessoa saudável, que sente a vida, se alegra, se entristece também, mas que tivesse a oportunidade de expressar suas emoções sem medo, receio ou desaprovação alheia, mas que fosse ela mesma, o respeito à dignidade do homem e o reconhecimento de seu valor teriam de ser resgatados de alguma

forma.

Desta visão positiva do ser humano, nasce a abordagem centrada na pessoa do psicólogo norte americano Carl Rogers, que tem como premissa enfatizar os aspectos saudáveis e positivos do homem.

Uma abordagem centrada na pessoa baseia-se na premissa de que o ser humano é basicamente um organismo digno de confiança, capaz de avaliar a situação externa e interna, compreendendo a si mesmo no seu contexto, fazendo escolhas construtivas quanto aos próximos passos na vida e agindo a partir dessas escolhas (ROGERS, 1978, p. 23).

Infere-se por este pensamento de Rogers, que ao se ter o olhar positivo diante da pessoa que se apresenta, é reconhecer neste, a possibilidade de enxergar a potência de vida existente em cada indivíduo, valorizando os recursos individuais em prol de seu autodesenvolvimento e capacidade de criação.

É oportuno ressaltar que a autoconfiança na pessoa, vem da compreensão de que o organismo tem a capacidade de auto direcionamento na escolha do que for adequado para a sua auto realização. Assim sendo, escutar o que ocorre no próprio organismo é fundamental para fazer escolhas e definir os passos a serem seguidos por cada pessoa, pois como ensina Rogers:

A abordagem centrada na pessoa reconhece a pessoa como sujeito de sua própria experiência e, pela colocação da habilidade especializada a serviço da busca de uma existência autêntica, ela radicalmente afirma uma crença em uma tendência atualizante nos seres humanos (ROGERS, 1983, p. 95).

Este tipo de abordagem visa atualizar o que o organismo está pedindo para ser executado, manifestando em atos concretos este apelo de satisfação, manutenção e elevação da potencialidade que o organismo exige, promovendo, assim a autenticidade.

Esta tendência é inerente ao ser humano e visa o crescimento espontâneo e pessoal em cada indivíduo, como se fosse uma espécie de mola propulsora que atinge e impulsiona a realização das expectativas do organismo e é nisto que Rogers enfatiza, ao mencionar a necessidade de reconhecimento de desenvolver potencialidades na vida.

A exposição a uma abordagem centrada na pessoa significa que existe um impulso na direção de experienciar maior confiança mútua, crescimento pessoal e interesses compartilhados. Os companheiros tendem a desenvolver maior confiança entre si, à medida que são mais reais um com o outro. Sendo mais reais, assumem maiores riscos em serem abertos e, desta forma, acentuam seu crescimento como pessoas. À medida que se comunicam mais profundamente, estão mais aptos a descobrir e a desejar desenvolver mais interesses que possam compartilhar (ROGERS, 1978, p. 56).

À medida que o indivíduo tem uma abertura à experiência, ou seja, vivenciando o que seu organismo sinaliza em termos de afetos para ser executado, com a congruência de manifestar na prática tais sentimentos, novas possibilidades de estabelecer encontros de autoconhecimento. Com isto, ele se sente mais seguro para investir suas forças no conhecimento, como ressalta Klocner:

A psicologia e a ACP que acreditamos, facilita processos de autonomia e potência, produz subjetividade. Sai do um, transcende para as relações e afeta o coletivo. Afeta no sentido que interfere e modifica os afetos das pessoas envolvidas, mudando seus olhares e suas formas de lidar consigo mesmas e com os outros – transformando as relações (KLOCKNER, 2010, p. 155).

Rogers denomina a Abordagem Centrada na Pessoa como ‘um jeito de ser’. Esta aparentemente banal ou superficial, não é apenas uma teoria explicativa, mas implicativa, ou seja, adquire profundidade no encontro de consciência, experiência e comunicação. Segundo o autor, neste encontro acontece o processo de congruência que será explicado adiante.

A principal preocupação de Rogers é que esta abordagem atinja os afetos. O autor valoriza os sentimentos humanos, em favor do crescimento da pessoa como um todo integrado, capaz de decidir-se e ter autonomia nos processos de escolha.

Assim, a teoria de Rogers contribui para pensar uma educação humanista, que é, antes de mais nada, voltada para formar cidadãos congruentes, conscientes de sua autoria na vida e senso realista de seu caráter identitário.

1.1. O Conceito de Pessoa / Personalidade

Em algum momento da vida, o ser humano é convidado - por vários motivos - a se questionar acerca de sua existência, seja por crises de identidade, algo que porventura possa estar faltando; seja pela ânsia de querer saber de si, de sua personalidade, quem realmente se é enquanto pessoa e como um ser no mundo.

Acontece que nessa busca por si mesmo, ainda que esta pessoa encontre algumas respostas que irão satisfazer algumas necessidades, também será confrontada com outras dúvidas ainda piores, pois investir em autoconhecimento, pode gerar um desgaste intelectual, emocional, visceral, além de um cansaço físico.

À medida que a pessoa assume o risco do enfrentamento das situações que o processo de busca personalista exige, experimentando-se existencialmente para que a distância entre o conhecido e o novo, possa se diluir aos poucos, o ser humano passa a ter mais segurança pessoal em conquistar seus objetivos.

Ainda que um possível enfrentamento entre um “eu desconhecido” gere angústia pela possibilidade de encarar uma nova realidade, este autoconhecimento gera a possibilidade do amadurecimento de si, através da aceitação daquilo que é diferente de mim, mas que faz parte de um todo e que por hora precisa ser olhado com apreço e cuidado visando um melhor entendimento de si mesmo.

Quando mencionamos ser diferente, neste sentido, fazemos uma relação de sinónimo de desconhecido e isto por sua vez causa um certo estranhamento, mas a algo de arrebatador que acontece quando se encara o novo: sentir a liberdade interior de ser quem verdadeiramente se é. Desta maneira, a personalidade ganha à partir de então, contornos próprios, características muito pessoais, passando a descrever a vida em primeira pessoa, ou seja, autonomia de ser si mesmo, e isto é libertador.

Desde a concepção da palavra personalidade, o ser humano carrega em si a arte. Arte de ser pessoa, a constante busca de ser si mesmo, procurando extrair daí uma persona melhor como ensina Moretto (2008):

Do teatro grego, pessoa vem de persona, significando máscara (per= através de ... + sonare= soar; ressoar), pois a voz do ator soava através da máscara que escondia a sua identidade e apresentava outra, a do personagem que estava sendo representado (MORETTO, 2008, p. 18).

A máscara não é só no sentido negativo ou oculto, aqui tem uma conotação de um expressar de realidades humanas e que se manifesta em diversas formas, demonstrando assim, a prática do ser humano em reconhecer sua própria natureza e mostrar-se através do papel = que esta “persona” representa, manifestando uma forma identitária de marcar na vida.

Assim, é possível inferir que a vida se torna um palco de si, uma grande teatralização, na qual o protagonista desta história somos nós mesmos, pois através da máscara representamos os diversos papéis que a pessoa desempenha, sendo: pai, mãe, filho (a), estudante, profissional, esposo (a), etc.

O termo identidade, como dissemos, tem origem erudita. Usado inicialmente nas línguas neolatinas, esse termo designa a atividade de mostrar, de reconhecer a natureza dos seres e das coisas, que estão na nossa presença, o que justifica sua origem erudita do demonstrativo latino *idem* (composto de *is* mais a partícula invariável – *dem*). O pronome *idem*, com a forma feminina *eadem*, e o neutro *idem*, é pronome que mostra com precisão objetos e pessoas. *Idem* significa “precisamente este, exatamente o mesmo, a mesma, ou a mesma coisa.” Marca com exatidão a identidade dos objetos. Trata-se, na verdade, de um pronome de identificação, indica, localiza, e mostra algum objeto, uma pessoa, com precisão (MAIA, 2008, p. 31).

Identidade sendo definido como a qualidade de ser idêntico, ou seja, igual ou ele (a) mesmo, tem a função de nomeação e/ou identificação de algo ou alguém, não somente enquanto definição, classificação, que não se muda, mas que caracteriza e localiza o ser, de forma precisa e que distingue, diferencie a pessoa dos demais, como um ser único. O termo identidade é empregado em diversas ocasiões, e denomina uma classificação de algo. Costuma-se ser veiculado no senso comum, uma força de expressão que por vezes define a personalidade de alguém.

Neste sentido, o termo Identidade aqui empregado deve ser entendido como um processo de continuação e não de forma enclausurada, fechada em si mesmo. Para tanto, a personalidade é modificada, acrescentada, retirada, moldada, fazendo disto apenas um ponto de partida, pois o fim nunca é em definitivo, nesta área.

Investir nesta questão existencial, é algo que causa vários conflitos e, em determinada fase da vida, pois muitas vezes as pessoas não se reconhecem em si mesmas quando se fazem as perguntas clássicas: Quem eu sou? Como está minha vida? Aonde pretendo chegar? Ainda que isto seja desgastante, fato é que só há mudança a partir do questionamento, pois este nos retira da zona de conforto e nos transporta para lugares novos, diferentes, jamais vistos.

A percepção realista de si mesmo, segundo Rogers, provoca uma busca profunda e investigativa da história do sujeito. Fazendo-nos inferir que não se pode ir, quem nunca soube estar, e estar é, aqui e agora, idéia de lugar e tempo respectivamente. Neste viés, estar aqui, é conhecer o lugar pertencente, a origem que veio em seu âmbito familiar, de onde vieram e em que condições chegaram, até chegar a mim.

Nesta verdadeira viagem rumo ao seu destino, uma vez que todos partimos de um determinado lugar sem saber exatamente aonde vamos chegar, a sensação de incerteza e medo é um convite a ser arriscado, ousado, desafiador.

Segundo Justo (apud Rogers, 1975, p. 45) a percepção do indivíduo supera o conhecimento científico: “[...] nenhum instrumento científico nos pode proporcionar maior riqueza de conhecimentos do que a percepção do indivíduo por si mesmo: importante verdade referente ao mundo privado do indivíduo é a de que somente pode ser conhecido de forma genuína e completa, por ele mesmo.”

Então, a idéia de personalidade é de que, somos artistas de nós mesmos, artista que empresta ao personagem, a arte de ser quem somos, ou seja, a liberdade de conceber a vida expressando e atuando não como expectador, mas como autor e personagem de nossa própria história.

A formação personalista do sujeito nasce desta sede, ‘conhece-te a ti mesmo’. Carl Rogers explicita muito bem esta constante e eterna busca pelo autoconhecimento, como um desejo de todo e qualquer ser humano, de ser aceito, acolhido e amado pelo que é, pois este será a fonte de energia vital para o desabrochar na vida.

Neste sentido, o respaldo científico é importante e necessário, mas decidimos e escolhemos com autonomia por nós mesmos, pois é fundamental para o ser humano que ele (a) responda por suas responsabilidades enquanto cidadão, caso contrário, corre-se o risco de viver ou sobreviver a lógica do outro, que de certa forma aprisiona e nos impede de sermos livres.

1.2. Congruência / Incongruência

Anteriormente tratamos do significado da palavra personalidade fazendo um paralelo com a questão identitária do sujeito. A partir do presente tópico enfatizaremos o conceito de pessoa em Rogers, começando pelo termo utilizado por ele denominado congruência:

Congruência significa harmonia de uma coisa ou fato com o fim a que se propõe, coerência, propriedade, conveniência. Autenticidade é qualidade do que é autêntico. E autêntico é o mesmo que veraz, verdadeiro, certo, genuíno, legalizado (RUDIO, 2003, p. 63).

Ser autêntico, no entanto, não é fácil. Exige de nós um desprendimento e uma liberdade interior muito grande e que nos mantenha longe de paradigmas de como definir ou utilizar a palavra autenticidade, banalizando, assim, o significado real do que realmente é ser autêntico.

Congruência e autenticidade são classificados como sinônimos, embora haja diferenças. Ambos conceitos em Rogers, têm a finalidade de mostrar como a pessoa verdadeiramente é, mas especificamente a congruência depende de uma manifestação.

Segundo (HANNOUN, 1980, p. 60) a autenticidade em Rogers, implica “sermos nós próprios, é instalarmo-nos no que ele chama *The good life*”, o que Pagès, seu tradutor francês, traduziu por vida plena.

Ser quem se é para Rogers é desprender-se de viver sob uma lógica que o outro nos impõem. Este, no entanto, não é só pessoa física, mas a sociedade e seus interesses, o sistema e suas ideologias e/ou qualquer movimento que venha nos roubar de nós mesmos.

Esta autenticidade é, pois, exigência de espontaneidade. Toda a censura – consciente ou não – é recusada, com o temor de vermos instalar-se em nós o dualismo que dividiria o permitido e o proibido, o confessável e o oculto, o que é apenas para nós e o que pode ser para os outros, etc... Melhor: ela torna-se condição primeira de conhecimento, ou, mais precisamente, da experiência dos outros. É porque consigo ser autenticamente o que sou que a minha atitude iniciará o outro a dar provas da mesma autenticidade e, assim, estabelecer-se-á entre o outro e mim um contacto real das personalidades verdadeiras (HANNOUN, 1980, p. 61).

A sociedade contemporânea vive um dilema existencial entre o que sente verdadeiramente, incluindo desejos, vontades, necessidades e sonhos, com aquilo que o mundo externo propõe, ou seja, um padrão comportamental, que dita regras e normas implícita e explicitamente, onde ‘vende’ um jeito de viver e ser, em prol da felicidade.

Isto invade nossas casas, muitas vezes de maneira perversa, agressiva, até mesmo sutil, sequestrando de alguma forma a subjetividade, tornando as pessoas confusas, angustiadas, perdidas, sem saber ao certo seu rumo.

A perversidade maior é que isto ocorre na fragilidade humana, pois só acontece caso a pessoa autorize o mesmo a se tornar concreto. Se você se conhece, sabe de seus limites e potencialidades, saberá conduzir melhor as situações que terão essas provas.

De acordo com Rudio (2003, p. 66), “[...] a autenticidade consiste nisso: a aceitação e vivência da própria verdade ontológica. Chegar nesta verdade de cada um, é o projeto da existência humana e quem saberá dar um destino, somente a própria pessoa”.

Rogers, ressalta que ao utilizar o termo congruência procurou estabelecer “[...] uma correspondência mais adequada entre a experiência e a consciência. Pode ainda ser ampliado de modo a abranger a adequação entre a experiência, a consciência e a comunicação” (Rogers, 2009, p. 392).

Dentro desta visão rogeriana, a experiência seria tudo aquilo que ocorre e sentimos em nosso organismo, sendo estas emoções positivas ou não. A consciência, por outro lado, é a maneira com que internalizamos o que sentimos, ou seja, qual é a representação que temos da experiência que sentimos de uma determinada situação.

Num terceiro nível, a comunicação é a forma com que manifestamos o que experienciamos a nível intelectual, afetivo e vivencial.

Quando não ocorre uma espécie de simbiose entre esses três níveis: acontece o que Rogers denomina como incongruência, ou seja uma manifestação incoerente das ações práticas da pessoa, com relação ao que sente no organismo, representado na consciência e comunicado ou manifestado concretamente em atos.

Rogers (1983, p. 48) diz: “[...] a incongruência é definida como um estado (geralmente desassossegado) em que existe uma discrepância entre o eu, tal como é percebido, e a experiência presente do organismo total (tudo que é potencialmente disponível à consciência, que está ocorrendo no organismo em um dado momento)”.

A discrepância seria a incoerência de sentir algo, rejeitá-lo, fingindo que não aconteceu e manifestar este afeto irresponsavelmente, descompromissado com quem você é. Um exemplo de incongruência mencionado por Rogers é o seguinte:

Citemos o exemplo fácil de identificar do homem que se exalta numa discussão de grupo. O rosto congestiona-se, o tom de voz traduz a irritação, com o dedo ameaça o opositor. Contudo, se um amigo lhe diz: “Ora, não, te exaltes por causa disso,” ele responde com uma sinceridade e uma surpresa evidentes: “Mas eu não estou exaltado! Não me sinto nada irritado. Limito-me a salientar os fatos lógicos!” Os outros membros do grupo riem dessa declaração. Que é que acontece nesse caso? Parece evidente que, num nível fisiológico, esse indivíduo vivencia irritação. Essa experiência de irritação não é captada pela consciência. Conscientemente, ele não está irritado, nem comunica sua irritação (pelo menos com consciência). Aqui está uma real incongruência entre a experiência e a consciência e entre a experiência e a comunicação (ROGERS, 2009, p. 393).

Este exemplo é um entre vários que acontecem no nosso cotidiano e são difíceis de serem administrados por um sujeito que esteja em desarmonia afetiva consigo e com o outro. E quando acontecem, fica evidente que serão manifestados de forma errônea, desconexas com a realidade.

Inevitável é deixar de sentir a experiência, o que pode ocorrer é a omissão, distorção da realidade sentida, consequentemente comunicar esta elaboração de forma contrária, numa linguagem diferente a da própria pessoa.

Imaginemos o exemplo dado por Rogers:

Havia um piloto, que era conhecido como pessoa valente e sem medo. Numa ocasião, mandaram-lhe fazer uma viagem que implicava grandes riscos. O seu organismo sente a experiência do medo e a necessidade de livrar-se do perigo. Entretanto, essa experiência não pode ser representada corretamente na consciência porque se opõe ao conceito que o piloto faz de si, de um homem valente e sem medo. Então, a experiência impedida de representação se “transforma” e assume uma feição psicossomática. Chega à consciência numa simbolização incorreta, distorcida, como “distúrbio do aparelho digestivo”. O piloto diz o que representou: “Não posso fazer a viagem porque estou adoentado”. E, assim, foge do perigo que temia, mantendo a imagem de ser um indivíduo valente e sem medo. Podemos supor, no caso que acabamos de apresentar, que o sentimento ameaçador do medo foi reconhecido e impedido de entrar na consciência, sem que em nenhum instante o piloto tivesse consciência do referido sentimento. No exemplo dado, podemos considerar três níveis diferentes no piloto: o da experiência orgânica (o medo que sentiu e o desejo de fugir do perigo) o da representação na consciência (o distúrbio do aparelho digestivo) e a comunicação feita (“não posso viajar porque estou adoentado”). No caso apresentado, há congruência (porque existe acordo) entre a comunicação e a representação na consciência. Mas não existe congruência entre experiência e representação na consciência. Fala-se em comportamento congruente para indicar

a harmonia, a integração entre os três níveis: experiência-consciência-comunicação. Isso unifica a pessoa: o que ela experimenta, representa. O que representa, comunica (RUDIO, 2003, p. 91-92).

No exemplo do piloto existe um auto conceito de sua parte, de homem valente, guerreiro, corajoso. Esta é a imagem que ele tem de si e que ao mesmo tempo transmite para outras pessoas. Se não fosse assim seria um risco assumir tal fragilidade sentida aos olhos do outro e de si mesmo, pois o receio de não ser aceito permanece vivo.

A consequência disso é a distorção, omissão, o disfarce dos fatos perante à consciência, rejeitando-a porque assim lhe dá uma ilusão de segurança. Isto acarretou o que ele justificou como “distúrbio do aparelho digestivo”. Assim, conseguia explicar sua impossibilidade de viajar, ainda que isto não correspondesse à verdade.

Aceitar a experiência frágil, para adequadamente encontrar saídas favoráveis, de acordo com a manifestação dos afetos sentidos, elaborar na vida prática, transformando em ato este sentimento é uma questão de congruência. Neste caso, especificamente seria o piloto assumir na consciência que organicamente sentiu medo.

Para se chegar a isto, no entanto, é necessário se reconhecer enquanto pessoa sem fingimentos e canalizar esta energia vital, em prol da libertação dos afetos, aceitando-se como um ser limitado, porém, com potencial de crescimento e amadurecimento afetivo. Ser pessoa em Rogers, portanto, é ser congruente, é ser quem realmente se é, livre de preocupação em viver uma ótica que não seja a de si mesmo gerando autenticidade em quem chega, assim, afetando a coletividade.

1.3. Compreensão Empática

A palavra empatia vem de *emphatos*, que significa paixão dentro. É um sentir dentro da pessoa. É humanamente impossível sentir-se dentro de alguém. Não há menor possibilidade no sentido literal da palavra que o mesmo aconteça, o que há, é a tentativa através da paixão por este alguém, de reconhecê-lo como pessoa no sentido de aceitá-lo como é.

Rogers descreveu uma outra parte de sua metodologia como empatia. Em várias descrições ele tem dito que empatia é a capacidade para “intra-habitar” o outro, para ver e sentir o mundo tal como ele é para o outro, e para esforçar-se para articular o que se aprendeu fazendo isto. Ele descreveu empatia metaforicamente como um abandonar a própria pele e passar-se para dentro da pele do outro (ROGERS, 1983, p. 108).

Metaforicamente é como sair de si para que o outro seja quem se é, e isto é um exercício um tanto quanto difícil, pois implica em desapegar de tudo aquilo que aprisiona a relação, na qual o outro deve ser evidenciado e confirmado em seus valores, princípios e ideais.

Todo relacionamento humano é delicado, pois não sabemos até que ponto podemos ir com o outro e isto se dará na experiência de vivenciar a pessoa deste, que clama ser reconhecido pelo que é. Uma das melhores condições para que o processo empático se realize é vivermos antes este processo, questionando como é me relacionar comigo mesmo, porque quanto maior for o vínculo e compromisso consigo, maiores são as chances de proporcionar esta abertura ao outro também.

Ser empático consiste em entender o quadro de referência interna de uma outra pessoa com exatidão e com as componentes emocionais e as significações que aí se ligam, como se fôssemos a outra pessoa, mas sem nunca perder a condição <<como se>> ...; se a qualidade de <<como se>> ... se perde, então trata-se de identificação>>. Ora, a empatia não é identificação. Há identificação quando há <<repetição literal, mecânica>> da atitude do outro. A empatia é a negação de toda a interpretação do outro, e, por esse fato, de toda a intervenção de um juízo mais ou menos analítico da sua pessoa (HANNOUN, 1980, p. 68).

Fica claro que o termo empatia não se refere em concordar ou se identificar com o outro, mas ser transparente a ponto de se conectar afetivamente numa postura de acolhimento, independentemente de quem seja, propiciando ao outro, um reflexo de si mesmo, fazendo com que este se encontre realisticamente enquanto pessoa e sinta-se compreendido principalmente em seus sentimentos.

Quando há encontros entre as pessoas, no sentido identitário nesta abordagem, não há preocupação em querer interpretar o outro com intuito de classificá-lo, julgá-lo e muito menos defini-lo. O processo empático se dá no envolvimento afetivo das relações humanas com o outro, sem que esta atitude faça com que eu misture as minhas questões pessoais, interferindo de forma negativa a relação interpessoal.

O jeito de entrar na vida de alguém deve ser respeitosa e cuidadosa, de acordo com o ritmo e movimento do outro, sem rotulações, nem classificações, pois todos são diferentes e devem ser tratados em sua individualidade, unicidade e irrepetibilidade.

Quando vivemos atrás de uma fachada, quando tentamos agir de uma forma que não está de acordo com os nossos sentimentos, não conseguimos ouvir o outro livremente. Quando tende a exprimir seus verdadeiros sentimentos na situação em que ocorrem, quando as suas relações familiares são vividas com base nos sentimentos que no momento estão presentes, então o indivíduo abandona suas defesas e pode realmente ouvir e compreender os outros membros da família. Pode permitir a si próprio ver a vida tal como ela surge aos olhos dessa outra

pessoa (ROGERS, 2009, p. 374).

Antes de qualquer atitude para com o outro, faz-se necessário um exercício contínuo e constante de se auto avaliar como um ser que busca o reconhecimento de si mesmo. Não há possibilidade de passar pelo outro, sem atravessar nossa própria subjetividade.

Essas armaduras vão endurecendo as pessoas, impedindo que ela seja livre, em seus sentimentos, de poder ir e vir com a consciência tranquila e caminhar com paz interior. Este endurecer do jeito de ser, traz rigidez e adoecimento da saúde mental do ser humano, desequilibra-o desfavorecendo a qualidade de vida.

Por outro lado, quando se tem uma aceitação verdadeira de si, sem fachadas, nem viver por querer aprovações alheias, o ser humano real, aparece com suas precariedades e possibilidades de enfrentamento dos riscos, favorecendo a tomada de consciência como uma pessoa integrada que conhece e sabe onde está ‘pisando’, no que tange aos relacionamentos humanos.

1.4. Consideração Positiva Incondicional

Aqui se fecha o ciclo das três atitudes facilitadoras em Rogers, para a concepção do tornar-se pessoa que é a consideração positiva incondicional, ou seja, aceitar o outro como é e do jeito que ele (a) estiver.

Assim, aceitar a pessoa como realmente ela é, é um exercício constante. Não se tem respostas para tudo. Considerar o outro positivamente, é olhar para a humanidade deste, em seus aspectos saudáveis em sua natureza criativa e sensível, e não concordar em tudo como o outro é, mas sim aceitar quem se é, em sua potência de vida e também em seus limites.

Para que esta atitude ocorra, é preciso estar sensibilizado de maneira positiva a realidade que a pessoa esteja vivendo, por mais que haja incongruência. Não é falando para o outro o que ele (a) precisa fazer, ditando um tipo de comportamento, sendo impositivo, que nos fará ter algum resultado, mas aceitar o presente momento em que o mesmo se encontra.

A consideração positiva, é incondicional, se alguém é estimado como pessoa, independentemente dos critérios que poderiam ser utilizados na apreciação dos diversos aspectos de seu comportamento. Consiste esta atitude num “interessar-se pelo outro, mas num interessar-se não-possessivo; numa aceitação do outro como pessoa autônoma (JUSTO, 1975, p. 40).

Quando permitimos que a pessoa seja ela mesma sem querer que represente ou “empreste” uma persona não sua, cresce rumo a autonomia, pois sente-se aceita e acolhida pela consideração

positiva incondicional do outro, na qual não é julgada, interpretada e classificada com rótulos, mas valorizada em seu processo de maturação.

No inverso do não acolhimento a vitimização acontece neste momento, de sentir-se “coitadinho”, achando que a culpa ou a responsabilidade é sempre do outro, pois o receio de não ter aprovação do que verdadeiramente se é, causa-lhe espanto, tensão, uma sensação de fracasso.

Tomar posse de suas realidades mais íntimas, pode ser o caminho necessário a ser enfrentado. Quanto mais se aprofunda no verdadeiro abismo de si mesmo, tanto maior será os conflitos, uma vez que o processo de amadurecimento do eu real exige de nós, um desapego de nossas máscaras.

Esta atitude só diz respeito a quem tem a coragem de assumir a condição de ser imperfeito, que passa o tempo todo pela experiência do limite e que tem consciência na vida, na qual sempre é tempo de recomeçar. Ao fazer isto, estamos agindo no processo que Martin Buber (filósofo existencialista) chama de confirmar o outro, pois ao aceitar o outro, suas potencialidades e limitações eu entendo que existem outras formas de se reinventar como ser humano, pois errar é um detalhe que faz parte do processo de aperfeiçoamento humano.

Martin Buber, o filósofo existencialista da Universidade de Jerusalém, emprega a expressão “confirmar o outro”, expressão que teve para mim um grande significado. Disse ele: “Confirmar significa (...) aceitar todas as potencialidades do outro (...) Eu posso reconhecer nele, conhecer nele a pessoa que ele foi (...) criado para se tornar (...) Confirmo-o em mim mesmo e nele em seguida, em relação a essas potencialidades (...) que agora podem se desenvolver e evoluir.” Se aceito a outra pessoa como alguma coisa definida, já diagnosticada e classificada, já cristalizada pelo seu passado, estou assim contribuindo para confirmar essa hipótese limitada. Se aceito num processo de tornar-se quem é, nesse caso estou fazendo o que posso para confirmar ou tornar real as suas potencialidades (ROGERS, 2009, p. 65).

Confirmar o outro positivamente é reconhecer que mesmo em meio as fraquezas humanas, a capacidade de tornar-se quem se é, passa pela ressignificação dos erros e acertos de cada um.

Nesta forma de abordar o ser humano, aceitando-o como é, desperta nesta pessoa, o encorajamento de ser autêntico, sem defesas, nem justificações, mas buscar a originalidade de ser pessoa, através da escuta sensível de si mesmo. Este mesmo exercício é praticado por Rogers pois, para ele, ao escutar

[...] cada indivíduo que fala de si tão cuidadosa, exata e sensivelmente quanto sou capaz. Quer a expressão seja superficial ou significativa, eu escuto. Para mim, o indivíduo que fala é importante, merece compreensão; conseqüentemente, ele é importante por ter exprimido qualquer coisa. Alguns colegas dizem que, deste

modo, eu “valido” a pessoa (ROGERS, 2009, p. 55-56).

Escutar o ser desta pessoa não é só pelas palavras ditas, atitudes, mas um entendimento integral que envolve além da compreensão dos cinco sentidos e toda a experiência de sentir, mas ser afetado por cada região de nosso organismo.

Infelizmente, porém o ser humano está cada vez mais centrado em si mesmo valendo como menciona Rogers que “[...] minha máxima que resume muitas de minhas mais profundas convicções” (ROGERS, 1977, p. 206). A este respeito o autor considera que

Se eu deixar de interferir nas pessoas, elas se encarregarão de si mesmas; se eu deixar de comandar as pessoas, elas se comportam por si mesmas; se eu deixar de pregar às pessoas, elas se aperfeiçoam por si mesmas; se eu deixar de me impor às pessoas, elas se tornam elas mesmas.

Aceitar sem reservas seria não impor condições para que o ato se concretize, pois o que mais costumamos ouvir da sociedade é, “[...] você deveria fazer isto, tomar tal atitude, decidir aqui, escolher ali,” sem preocupação alguma com que o outro sente ou ao menos querer saber a intenção em conhecer os motivos desta pessoa, para exercer o ofício de ser humano.

O outro, querendo impor regras, padroniza um tipo de comportamento, dita um ritmo afirmando que a felicidade é por este ou aquele caminho somente, sem dar importância ao projeto pessoal que gera autonomia. Este padrão imposto pela sociedade, acaba despersonalizando as pessoas, causando inúmeras tragédias que não cabe aqui numerá-las.

O valor enfatizado então, é a descoberta, aceitação e a experiência rica, ao mesmo tempo, dolorosa de ser quem você é, sem imposição alheia. É necessário considerar o que o outro diz sim, mas sempre ter em vista que a maior referência para a pessoa é ela mesma, e através dela que é indicado e assegurado que os caminhos devem ser trilhados no sentido que vem da experiência orgânica, esta que será melhor detalhada no próximo capítulo, ou seja, mais do que um convite, é experimentar aquilo que nos significa.

1.5. Experiência Orgânica

O organismo na abordagem rogeriana é fonte de todo recurso, potencial de crescimento e desenvolvimento humano, a partir da escuta, do reconhecimento dos sentidos e dos afetos que geram em seu interior.

É necessário fazer sempre o exercício de recolhimento diante daquilo que nos afeta, ouvindo o que o organismo está pedindo para ser executado, ao mesmo tempo obedecer as necessidades, desejos e vontades, desde que haja congruência com que ocorrer no interior da

pessoa, expressando, de certa maneira, o comportamento do indivíduo, pois como destaca Rudio (2003)

Organismo indica o próprio indivíduo, enquanto é totalidade psicossomática em interação com o meio. “Organismo” é o que pertence ao organismo. Assim, por exemplo, o comportamento é expressão do indivíduo total, é uma propriedade “organísmica”. Já a circulação do sangue é algo que pertence apenas ao corpo: é uma propriedade “orgânica”. O termo experiência serve para indicar o que se passa no organismo num determinado momento, isto é, o que o indivíduo vê, ouve, sente, recorda, etc. E que pode ser representado adequadamente na consciência. Diante da experiência, o organismo reage como totalidade organizada: não são os meus olhos que vêem, sou eu que vejo. (RUDIO, 2003, p. 31).

Assim, é através da experiência na qual é identificado o que se passa no interior da pessoa como um ser integral. Este acontecimento interno deve ser levado em consideração o que ouve, enxerga, toca, cheira e sente, experienciar o organismo para além dos cinco sentidos. Sinteticamente, portanto, organismo em Rogers é sinônimo de ser quem você é.

O organismo humano é, em seu nível mais profundo, digno de confiança; que a natureza básica do homem não é algo a ser temido, mas a ser liberado na auto-expressão responsável (ROGERS, 1978, p. 25).

Estamos, de certa forma, expostos a qualquer tipo de relacionamento ou experiência que nos invade de maneira violenta, agressiva ou simplesmente sutil, mas é inegável dizer que não estejamos sentindo, porque está acontecendo de forma real no interior organísmico. Daí que a certeza de se confiar no organismo é saber que somos afetados o tempo todo de forma previsível ou não.

Por isso confiar na experiência congruente do organismo, é antes de mais nada, aceitar a própria experiência, aceitar o fato de que há necessidade de um desprendimento pessoal para agir de acordo com o próprio movimento.

Quando se fala de modo básico do que “motiva” o comportamento dos organismos, é a tendência direcional que é considerada fundamental. Essa tendência é sempre operante a qualquer momento, em todos os organismos. O organismo é autocontrolado. Em seu estado normal move-se em direção ao desenvolvimento próprio e à independência de controle externos (ROGERS, 1978, p. 227).

O organismo tem uma direção, a de corresponder as suas perspectivas, quando é barrado em sua tendência espontânea, a pessoa adocece, por não vivenciar os próprios sentimentos de forma coerente.

Há um apelo fundamental do organismo em querer saciar-se, satisfazer-se, realizar-se. Parece meio egoísta, mas só há encontros autênticos se esta humanidade for explorada, uma vez que cada indivíduo constrói a sua. Por isso que perceber o organismo não é só identificá-lo, mas incorporá-lo e manifestá-lo.

O organismo reage ao campo como ele é experimentado e percebido. Este campo perceptual é, para o indivíduo, sua “realidade”. E isto é, portanto, uma dada experiência única no mundo fenomenal de um indivíduo (MILHOLLAN, 1978, p. 149-150).

O indicativo de que a resposta manifestada pela pessoa está sendo congruente, é o fato desta ter a certeza de sua direção e do que está fazendo. Ao mesmo tempo, no momento, pulsa no interior do organismo, o desejo de querer mais, de poder compartilhar o sentimento que foi criado para o crescimento desta relação congruente:

Rogers considera o organismo como sendo o tempo todo um sistema totalmente organizado no qual a alteração de qualquer parte, pode produzir mudanças em qualquer outra parte. Mas a este respeito também delineia quatro atitudes ou modos de ser específico, que, se incorporados na estrutura do self, facilitarão este processo de testar a realidade. São eles: (1) abertura a experiência, (2) confiança na sabedoria do organismo para manter-se e aceitar, (3) disposição para ser um processo e (4), enquanto processo, disposição para experimentar ambiguidade (ROGERS apud MILHOLLAN, 1978, p. 167).

O organismo pede integração das partes envolvidas, tudo está interligado, não há como disfarçar que algo não esteja acontecendo no interior orgânico, pois o mesmo se revelará de diversas formas, conforme o destino na qual, cada pessoa conduz.

Este *self* que é a concepção integral, total e realista do organismo como mencionado acima, estar aberto a tudo que poderá ocorrer independentemente do sentimento, é abrir espaço para possibilidades ainda que estas não sejam tão boas, mas necessárias para o enfrentamento de si.

Confiar na sabedoria do organismo é aceitar a experiência real, e assim dando continuidade ao processo, estando disponível e disposto a vivenciar emoções contraditórias, que no início possa confundir ou causar um afastamento de si mesmo, desde que seja momentâneo porque será necessário e primordial voltar para o ‘eu’ interior.

O organismo possui uma tendência básica: manter-se, realizar-se e expandir-se (JUSTO, 1975, p. 49). O ser humano precisa de manutenção, no sentido que é necessário avaliar e reavaliar de forma permanente a sua condição, pois o que clama no ser, no âmago da existência humana é a autorealização.

Esta que é perseguida de formas variadas e muitas vezes buscada de maneira equivocada. Quando se assume o sentimento que leva ao crescimento de si mesmo, então, o desenvolvimento

acontece espontaneamente, expandindo-se para as relações, afetando o coletivo em favor da experiência significativa, pois como ensina Klockner (2010)

Quando o indivíduo está aberto à sua experiência, ele descobre que pode confiar no seu organismo. Ao invés de temer suas reações emocionais, ele descobre que os sentimentos que existem nele ao nível organísmico e visceral são um guia competente e confiável para o seu comportamento. A consciência deixa de ser o ‘vigia’ de uma multidão de impulsos perigosos e imprevisíveis, dos quais poucos “podem ver a luz do dia” para descobrir que os impulsos, sentimentos e pensamentos que emergem do seu organismo possuem uma autodireção confiável quando não são guardados medrosamente. Assim, abrindo-se à experiência total do seu organismo, o indivíduo descobre que existe uma sabedoria nele que vai muito além do intelecto e que lhe possibilita fazer as escolhas mais adequadas e mais satisfatórias para cada situação existencial (KLOCKNER, 2010, p. 25).

De acordo com Klockner, ter a coragem de enfrentar as realidades orgânicas, não significa não ter medo e sim, encarar a situação de frente, ainda que não esteja preparado. Ainda que hajam receios é necessário se encorajar e ultrapassar os obstáculos do novo.

Assim, aquilo que queremos mudar em nosso comportamento começa a ser viabilizado pela dinâmica interna, passa-se a confiar com a esperança de utilizar dos temores que nos amedrontam, reconhecer um motivo para se ter qualidade na postura de comunicar para si e ao outro o que verdadeiramente sente.

Com esta abertura, as ameaças são transformadas em objetivos significantes, que constroem o ser humano, passando do discurso para objetivação de realizar os impulsos de ordem intelectual, afetiva, relacional e o todo que contextualiza e o cerca, dando respaldo e confirmação de que o caminho está sendo adequado diante de cada experiência.

O núcleo da personalidade do homem é o próprio organismo, de que a essência é conservar-se e ter uma vida social. Para ir para o outro, é, pois, em primeiro lugar para nós próprios que nos devemos voltar (HANNOUN, 1980, p. 85).

O funcionamento da personalidade em Rogers, se dá pela experiência do organismo, na qual, é extraída a essência de vir a ser, um projeto sempre voltado para o retorno da fonte original de sermos quem realmente somos. Não só como um resgate do que porventura possa ter perdido, mas uma eterna descoberta e reconhecimento de si neste processo.

1.6. Tendência Atualizante

Em Rogers esta tendência é pertencente à natureza humana necessitando ser descoberta, explorada vivencialmente, como uma flor que é plantada, regada, necessita do calor e de condições favoráveis para o seu crescimento, para tanto, precisa ser cuidada, protegida, acolhida e aceita em sua experiência de florescer. Respeitar o ritmo e os passos a serem seguidos é de extrema importância, para que o tempo de colheita seja de maneira espontânea e no momento adequado:

O organismo possui uma tendência básica, um apelo fundamental: atualizar-se, manter-se, desenvolver-se. Todo organismo é animado de uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de modo a favorecer-lhe a conservação e o enriquecimento. “Organismo” designa a totalidade do indivíduo: o conjunto psico-físico-social. O termo “enriquecimento” abrange tudo o que a pessoa considera valioso para ela: tanto o que possui como o que é – bens materiais, habilidades, talentos, qualidades, satisfações ... A orientação adequada não pode efetuar-se, evidentemente, sem a capacidade de perceber a situação real do organismo (JUSTO, 1975, p. 17-18).

Reconhecer esta tendência é partir da própria subjetividade, aceitar o clamor interno, é poder manifestar o que o organismo está pedindo no momento, como: atualização, manutenção e desenvolvimento. Quando atualizamos algo, queremos que volte a ser o mesmo ou ainda melhor do que a realidade anterior, portanto, a partir de agora a experiência secundária nunca será a mesma, por mais parecidas que sejam, são outros olhares, momentos diferentes, reações orgânicas diferentes.

Manter a experiência ativa, é reconhecer que modificamos a todo instante a partir do sentir a vida e das relações. É, por assim dizer, um estado de vigília para com o organismo, que sempre deve ser olhado, visitado e experienciado de outros modos.

O desenvolvimento da tendência à atualização, é vivenciar o que lhe faz enriquecer o organismo, numa totalidade envolvendo o ser integral bio-psico-social e espiritual, este último como ênfase maior a abertura à experiência. O enriquecimento não é apenas o organismo ser saciado pelas vontades, desejos, necessidades ou sonhos, mas é viver o que leva a auto-realização:

Self, estrutura do self, são termos que servem para designar a configuração experiencial de percepções: referindo-se ao indivíduo, às suas relações com o outro, com o ambiente e a vida em geral, assim como aos valores por ele atribuídos a essas percepções. O self resulta, portanto, da diferenciação da experiência orgânica total do indivíduo, sendo um dos aspectos centrais do crescimento da pessoa (JUSTO, 1975, p. 21).

Incorporar um *self* ideal não exige um comprometimento com aquilo que precisa ser feito. O refúgio é a idealização das imaginações acerca da estrutura de um eu fortalecido, seguro e confiante, mas um caminho angustiante ao mesmo tempo, porque o que gostaria, o que quereria,

por vezes se coloca acima da realidade da pessoa, não existindo pois a congruência.

A percepção realista de si gera um desprender-se de vaidades que talvez sirva para o campo da ostentação, de vantagens recebidas por viver um determinado tipo de comportamento, alimentando o ego e fazendo acreditar que o modelo vivido verdadeiramente, é o real. Porém, no silêncio da intimidade, percebe-se inseguro, frágil, ameaçado e sem coragem de assumir sua identidade.

Vive-se a imagem ideal que faz de si, mas se sente ameaçado a cada situação ou movimento que o faz recordar quem realmente é, uma ambiguidade de sentimentos, ao mesmo tempo uma defesa ao ser reconhecido pela verdadeira realidade vivida.

Para Rogers, ao contrário, o meu ser verdadeiro é aquele que me aparece quando <<me deixo ir>>, quando me deixo levar pelas minhas tendências profundamente enraizadas na minha afetividade (HANNOUN, 1980, p. 122).

Esta direção se confunde muitas vezes pelo calor de um momento, algo que aparenta ser arrebatador, mas que é passageiro, pois as incongruências levam a decisões rápidas, superficiais, respostas imediatas e consequências quem sabe desastrosas.

Mas há em nosso campo fenomenal, os atrativos e estímulos que são captados pela consciência, atingindo profundamente nossas raízes, fazendo-nos sair do lugar que estamos e transportando para outros mais intensos, onde se encontram os significados mais desejosos da alma.

Quando sinto que uma atividade é boa e que vale a pena prosseguir-la, devo prosseguir-la. Em outras palavras, aprendi que a minha apreciação “organísmica” total de uma situação é mais digna de confiança do que o meu intelecto (ROGERS, 2009, p. 26).

É necessário dar créditos a razão, mas não ficar refém dela. O intelecto é uma via que nos orienta, nos faz pensar e problematizar a vida, o outro e as diversas situações. Por outro lado, a experiência do organismo não se dá só através do intelecto, mas um conjunto de órgãos que estão se relacionando e acontecendo simultaneamente.

Dar apreço e confiança total ao organismo é viver a tendência direcional em que o organismo está indicando para o mesmo, com isto, a pessoa sentindo esse movimento integrado, tende a se auto realizar na dimensão congruente da experiência, esta que será pontuada no próximo capítulo.

1.7. Autorealização

O objetivo da abordagem centrada na pessoa é proporcionar ao ser humano um encontro pessoal com sua humanidade, dando vida ao ser identitário do sujeito, visando a auto-realização. Não se manifesta no fato de conquistar algo, vai muito além da materialidade, pois é um estado de bem estar, paz consigo mesmo, feliz com que exerce e é, em sua natureza espontânea:

Há no homem uma tendência natural para o desenvolvimento completo. O termo mais frequentemente usado para isso é o de tendência de realização, que está presente em todos os organismos vivos. Trata-se do fundamento sobre o qual está construída a abordagem centrada-na-pessoa. A tendência de realização pode, é claro, ser impedida, mas não pode ser destruída, sem destruir o organismo (ROGERS, 1978, p. 17).

Até o momento foi explicitado alguns conceitos chaves no que se refere a abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers, na qual é constituída a concepção de pessoa numa visão humanista e integrativa do ser humano.

Foram elencados vários termos como as três atitudes facilitadoras, congruência, empatia e aceitação positiva incondicional, experiência orgâsmica, tendência a atualização e auto-realização. Um conceito está diretamente conectado ao outro e a mudança de alguma parte, pode sim, comprometer o funcionamento de outra, para isso, faz-se necessário esmiuçar os conceitos para ter um entendimento abrangente.

E esta tendência natural do organismo, pede realização, que é a finalidade, não como um projeto a ser alcançado depois descartado, mas pelo mesmo, experienciar as necessidades e anseios que ocorrem no interior do organismo.

Não se destrói o organismo pelas incongruências vividas, mas só há possibilidade de acabar com as motivações orgâsmicas, com a morte deste que, caso contrário, está sempre em vigor de esperança e clamor de realização.

A realização é uma característica que regula a vida do organismo humano, pois é um atributo pertinente à condição do humano, podemos considerar que a realização é um dos aspectos que define a essência humana. Em cada organismo, não importa em que nível, há um fluxo subjacente de movimento em direção à realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes (KLOCKNER, 2010, p. 33).

A realização humana é uma das questões existenciais que mais intriga as pessoas. Busca-se tanto e em diferentes formas pela ânsia de querer a correspondência sentida, que se acaba tomando decisões precipitadas. No calor de um instante se curva a escolhas temporárias e sem conexão com o real sentido das circunstâncias.

As manifestações do organismo contém vida e tudo que tem vida, carrega em si, substância

que o alimenta e sustenta para o seu florescer, metaforicamente temos enquanto humanos, o combustível necessário para caminharmos rumo a nós mesmos. Assim, experienciamos em nossas histórias as tendências que influenciaram o pensamento de Rogers:

Gostaria de destacar duas tendências que tiveram uma importância cada vez maior em meu pensamento, à medida que os anos passaram. Uma delas é a tendência à realização, uma característica da vida orgânica. A outra é a tendência formativa, característica do universo como um todo. Juntas, elas constituem a pedra fundamental da abordagem centrada na pessoa (ROGERS, 1987, p. 33).

A tendência formativa é sempre direcional, ativa e atuante, está conectada sistemicamente com o Universo e tudo que faz parte dele e através dele é concebido ao ser humano a sua realização, uma ordem crescente do organismo vivo, no qual tudo mais vem para o acréscimo. Quando se é experienciado o organismo de forma coerente, ou seja, suas expectativas de realização.

A tendência à auto-realização, diz Rogers, tem como efeito dirigir o desenvolvimento do organismo no sentido da unidade e da autonomia (JUSTO, 1975, p. 19).

Estabelecer unidade consigo, o outro e o Universo, é o ponto de equilíbrio que gera autonomia no sujeito, um funcionamento ótimo da personalidade, assim como Rogers descreve, não como algo perfeito, mas pleno, no sentido processual e de busca constante de crescimento para cada indivíduo.

Os indivíduos se movem, através da mudança, como estou começando a perceber, não de um ponto fixo ou homeostase para nova fixidez, embora esse processo seja possível, mas de longe o mais significativo “continuum” é da fixidez para a mudança, da estrutura rígida para a fluidez, da “stasis” para um processo (JUSTO, 1975, p. 69).

Vida plena: eis o movimento ótimo da personalidade em Rogers. Parece algo até transcendental, distante de ser alcançado, causando a sensação de que talvez não seja conveniente para cada pessoa, mas olhando como um processo contínuo, não é uma linha de chegada, e sim um ponto de partida.

Pois é aí que começa colher os frutos que foram plantados, vivenciados pela plenitude da experiência significativa, para cada qual, saindo da rigidez há um comportamento flexível.

A fluidez acontece na espontaneidade destes comportamentos, em que a pessoa sai de um estado de tensão, a liberdade interior, de ser autor e responsável pelo seu próprio crescimento e assim convencidos de seu papel para proporcionar a realização de outros que desejam se encontrar primeiramente como pessoas, para depois estar “inteiro” e disponível ao Universo do mais próximo ser humano.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA

A educação, popularmente conhecida no meio social como a base, o sustento, a estrutura para o desenvolvimento humano, traz em si, esta marca, de tornar uma sociedade mais civilizada e com pensamento crítico, com relação a sua condição de pessoa na vida. Convicta de seu compromisso ético, político e moral, se faz necessário investir em cidadania e transformar os homens em seres capazes de se conscientizarem e incorporarem criticamente o seu papel de agente transformador da sociedade.

A Educação Humanista propõe esta formação de cidadania, na qual o indivíduo é o foco em questão, no sentido de sua valorização humana. Várias concepções sobre a educação, trazem este registro fundamental que é, educar o cidadão para formar pessoas que tenham uma postura consciente e crítica de si mesma, sendo capazes de escolher, tomar decisões e serem responsáveis por suas vidas.

Esta consciência crítica se adquire à medida que a educação toca primeiramente o nosso ser, no sentido de sermos verdadeiramente afetados pela linguagem proposta, para em seguida, pensar numa formação de educar para coletividade e assim, levar o ser humano a perceber realisticamente onde está, por quê, para quê, onde pretende-se chegar com sua vida.

Na ótica da educação humanista o que se pretende, passa primeiramente pela educação de si mesmo enquanto pessoa, para depois pensar em afetar a coletividade no sentido de sua formação personalista. Esta forma de encarar a formação educacional, influencia os alunos a se conscientizarem de seu papel identitário como pessoa no que tange a educação superior.

A educação humanística se preocupa com a formação humana do aluno em primeira instância. Com isto, visa a formação de cidadãos conscientes de si, no que se refere ao seu projeto pessoal enquanto um sujeito que busca sentido de vida e o seu papel enquanto educando.

Esta ênfase no humano existente em cada pessoa, leva a educação humanista propor um

envolvimento afetivo rumando sua liberdade e autonomia nos processos de criação de sua identidade, onde o componente afetivo é primordial para que esta relação de descoberta de si mesmo possa crescer.

A Educação Humanista, a integração da aprendizagem cognitiva com a aprendizagem afetiva, é um fruto natural da Psicologia Humanista ou Terceira Força (LYON, 1977, p. 29).

Esta Terceira Força considerada na Psicologia, se estende no ramo educacional, na perspectiva de humanização do homem, enfocando o ser humano integral e sua formação personalista antes da construção intelectual. Esta forma de educar de maneira específica, dispõe em três principais ênfases: cognitiva, afetiva e vivencial.

Para a abordagem humanista é a relação interpessoal o centro do processo. Esta abordagem leva a uma perspectiva eminentemente subjetiva, individualista e afetiva do processo de ensino-aprendizagem. Para esta perspectiva, mais do que um problema de técnica, a didática deve se centrar no processo de aquisição de atitudes tais como: calor, empatia, consideração positiva incondicional. Certamente o componente afetivo está presente no processo de ensino-aprendizagem. Ele perpassa e impregna toda sua dinâmica e não pode ser ignorado (CANDAUI, 2008, p. 14-15).

O processo de amadurecimento da pessoa requer em qualquer relação, o componente afetivo. Este se manifesta de diversas maneiras, através do toque físico, o olhar, algum gesto que transmita calor e dê vida as emoções presentes no momento da relação interpessoal. Assim, amadurecer é estar comprometido com a situação da pessoa e o mesmo sentir esta experiência de ser afetado de maneira acolhedora, sem pré julgamentos em relação a sua história.

Até mesmo no silêncio de nossa existência, quando não temos a possibilidade de dizer algo, estamos comunicando, e para o humanista, ele (a) sempre tem um alvo, uma direção comportamental a ser percorrida, que é buscar o humano existente em cada ser.

A abordagem humanista, prioriza as relações interpessoais, onde é o processo que existe entre o eu e o tu que se constroi humanidade, não apenas a soma destes para se constituir uma só pessoa, mas o que é extraído fenomenologicamente entre a experiência da relação eu, tu.

A Educação Humanista proporciona um encontro consigo mesmo, ao encontro de existência inacabada, pois está sempre por se fazer, constituir, acontecer. Nossa existência clama por sentido de vida, uma orientação eminentemente subjetiva e introspectiva no indivíduo em seu ser interior.

O homem é considerado como uma pessoa situada no mundo. É único, quer em sua vida interior, quer em suas percepções e avaliações do mundo. A pessoa é considerada em processo contínuo de descoberta de seu próprio ser, ligando-se a

outras pessoas e grupos. Quanto à epistemologia subjacente a essa posição, a experiência pessoal e subjetiva é o fundamento sobre o qual o conhecimento abstrato é construído. Não existem, portanto, modelos prontos nem regras a seguir, mas um processo de vir-a-ser. O objetivo último do ser humano é a auto-realização ou o uso pleno de suas potencialidades e capacidades (MIZUKAMI, 1986, p. 38).

Um dos objetivos da Educação Humanista, é propiciar a pessoa que busca o conhecimento, a mudança de sua postura atitudinal, em ligação ao que ocorre no interior organísmico do indivíduo no sentido de haver congruência. A alteração no comportamento, visa o crescimento não só intelectual, mas o enriquecimento dos valores internos, eis uma experiência muito particular, na qual somente a própria pessoa irá descobrir o que realmente deve ser e/ou fazer de sua vida.

A outra na qual nos relacionamos, será importante no processo de reconhecimento. O mesmo servirá de reflexo para si, mas não será um guia para as nossas decisões pessoais, profissionais, acadêmicas ou qualquer que seja. Isto acaba nos retirando a possibilidade de sermos autônomos em nossas ideias e perspectivas, pois o outro, será um auxílio sim, mas nunca o centro de nossa experiência.

Em nosso cotidiano, estamos acostumados que alguém diga o que devemos ou não fazer, qual o melhor caminho para prosseguir na vida, ou seja, o outro sempre está escolhendo e decidindo nossa vida ou querendo que o mesmo aconteça. Desta maneira, fica mais fácil, porque tira um pouco o peso do que falamos e faz quem decidamos pela outra pessoa. Em contrapartida, esta postura, retira a possibilidade de nossa autoria e do protagonismo de nossa história, na qual eu deva ser o centro. Compete a mim, não o outro invadir este espaço de autonomia.

A ausência de autonomia provoca na pessoa, a sensação de que sempre necessita esperar o que deve ser feito, produzido, sem tomar partido das situações como deveria. Nossa tendência pessoal, nessas circunstâncias, é de escorar em algo que nos proporcione segurança, pois assim nos faz sentir que estamos no controle do caso, ou seja, caso se tenha um modelo pronto a ser seguido ou copiado melhor, o que favorece a reprodução de comportamento e o sentimento de desconforto ao longo do tempo por não produzir por sua própria vida.

Para Rogers a realidade é um fenômeno subjetivo, pois o ser humano reconstrói em si o mundo exterior, partindo de sua percepção, recebendo os estímulos, as experiências, atribuindo-lhes significado. Em cada indivíduo, há uma consciência autônoma e interna que lhe permite significar e optar, e a educação deverá criar condições para que essa consciência se preserve e cresça. O mundo é algo produzido pelo homem diante de si mesmo. O homem é o seu configurador, que faz com que ele se historicize: é o mundo, o projeto humano em relação a outros homens e às coisas que ganha historicidade numa temporalidade. O mundo teria

o papel fundamental de criar condições de expressão para a pessoa, cuja tarefa vital consiste no pleno desenvolvimento de seu potencial inerente. A visão de mundo e da realidade é desenvolvida impregnada de conotações particulares na medida em que o homem experencia o mundo e os elementos experienciados vão adquirindo significados para o indivíduo (MIZUKAMI, 1986, p. 41-42).

A ótica humanista traz uma visão de mundo, onde o caráter fenomenológico marca sua perspectiva, no que tange a experiência dos atos concretos, por parte do indivíduo, que são emergidos pelo fenômeno, ou seja, o que se apresenta, surge, se manifesta a pessoa. A educação nesta ótica, terá o papel de criar condições e mecanismos que favoreçam a apreensão de significados destes fenômenos, para que se tenha o norte necessário, em vivenciar e encontrar sentido de vida.

Esta experiência de decidir a vida por si mesmo, faz com que o indivíduo, conscientize de sua autonomia, sem que interferências externas o influenciem nas diversas escolhas que precisará ser tomada.

À medida que o homem está no papel de aluno (a) e ali descobre suas realidades essenciais e consegue atribuir significado na experiência de sentir as situações vivenciadas, este (a) desabrocha humanamente, pois a visão de mundo e de pessoa se refletem na compreensão daquilo que foi adquirido, percebido, capturado pelo sujeito, os significados mais profundos desta experiência são aceitos, reconhecidos e valorados pelo autor de sua própria vida, a pessoa que se experencia na situação:

Ao experenciar, o homem conhece. A experiência constitui, pois, um conjunto de realidades vividas pelo homem, realidades essas que possuem significados reais e concretos para ele e que funciona, ao mesmo tempo, como ponto de partida para mudança e crescimento, já que nada é acabado e o conhecimento possui uma característica dinâmica. A educação assume significado amplo. Trata-se da educação do homem e não apenas da pessoa em situação escolar, numa instituição de ensino. Trata-se da educação centrada na pessoa, já que essa abordagem é caracterizada pelo primado sujeito. No ensino, será o “ensino centrado no aluno” (MIZUKAMI, 1986, p. 43-44).

A missão da educação humanista tem como premissa, educar o homem, para que este possa extrair significado à partir de sua experiência de vida. Esta privilegia a formação do caráter original da pessoa, que por sinal influencia na apreensão dos significados essenciais para sua vida, irá aprender como aprender, ou seja, saberá se adaptar a novas realidades que porventura possam lhe aparecer.

É no mundo vivido que o aluno experencia possibilidades, condições para escolhas, tem a capacidade de ter poder decisório e se responsabilizar pelo próprios atos. Apreende os significados,

pois na história de cada pessoa, são marcadas os pontos relevantes em cada vivência, que forma a consciência crítica do sujeito.

O entendimento de educação como humanização do indivíduo, reporta-se a uma educação estética, que tem como referência a construção dos sentidos humanos. Estimular, sentir e envolver uma rede de percepções presentes em diversas práticas e conhecimentos humanos. Portanto, o desenvolvimento da sensibilidade leva a aprender a ver, a sentir, a ouvir, a pensar, e a refletir o mundo a partir da alfabetização estética (MARQUES, 2009, p. 50).

A estética é um exercício profundo de olhar para si reflexivamente e dela, fazer emergir toda a criatividade existente, em favor da produção de sentidos. Sendo assim, sua função é valorizar e escutar a realidade sensível do ser pessoa, na qual o aluno terá convicção de seu atual momento, sabendo onde está no sentido de localização de tempo e espaço, por que está e em que lugar se quer chegar para exercer o ofício de ser pessoa, antes de qualquer classificação que possa caracterizá-lo como papel de aluno.

A educação do homem, em se tratando especificamente numa formação humanista, *a priori*, é algo que visa formar o cidadão, além das possibilidades acadêmicas. Quando se pensa assim de forma integrativa, em uma questão que envolve professores, alunos, instituição, o sistema educacional como um todo, desta maneira atinge construtivamente a personalidade humana, e isto faz amadurecer a pessoa que experencia os fatos de sua vida.

A educação humanista é retrato de uma filosofia do homem. Através dela é que o ser humano se permitirá o processo de humanização e é por meio deste que a educação estética se torna presente. Também é pelo desdobramento de ser humano que a estilística de ser pessoa acontece, na qualidade de buscar a essência de vida que lhe é devida para cada um.

Concernente a isto, deparamos com a seguinte constatação: este tipo de educação está em falta, ou seja, a capacidade de sentir, de expressar ou simplesmente tocar os afetos, cada vez mais acabam gerando o aprisionamento das emoções e isto está tomando conta da humanidade. Este aprisionar é um não saber lidar com os próprios sentimentos, numa realidade na qual mal as pessoas conseguem identificar suas emoções, quem dirá saber como vivenciar na prática o que sentem e como podem manifestar estes que servirão de base para o amadurecimento afetivo.

Somente por meio da reflexão a partir da sensibilidade, é possível entender as diferenças entre um ser humano e outro, entre um ser humano e o mundo. Não se pode mais negar a realidade sensível e sua multiplicidade de significações, nem mesmo, o poder da imagem e da percepção estética como fontes de conhecimento, muito menos a natureza humana. É preciso resgatar no cenário educacional o conhecer para melhor sentir e sentir-se para melhor saber e nessa clareza resgatar o que ficou perdido: A sensibilidade! Valorizar o prazer e a indagação sobre a

razão de ser de cada ato (MARQUES, 2009, p. 53-54).

A busca incessante por sua questão identitária, requer a arte de se conhecer, se reinventar, estar aberto a novas possibilidades de conhecimento e crescimento pessoal, sabendo que todos carregam em si, a arte de ser humano. E esta condição que ninguém está isento de viver.

A educação humanista no sentido de ser uma abordagem que privilegia o humano, valoriza, ao mesmo tempo, resgatar a sensibilidade humana, com objetivo de fazer o homem se tornar uma fonte de reconhecimento personalista à partir dos sentimentos humanos. Conhecer o processo de aprendizagem do sujeito, não se dá somente por via cognitiva, intelectual. É preciso saber sentir para aprender e apreendendo, sentir o aprendido, sendo afetado pelos sentidos para provocar mudanças no ser, favorecendo assim a criação de consciências pensantes.

O homem não é apenas razão, é também afetividade. Por isso, nenhuma formação puramente intelectual dará conta da totalidade do humano. Daí a importância da arte como instrumento não só de produção e fruição estética – o que se destaca ao se pensar nos dois pólos de formação do artista e do apreciador de arte –, mas de humanização propriamente dita, ou seja, a educação estética é instrumento de valorização integral do homem, isto é, de todo homem e de qualquer homem. A palavra estética, na sua origem etimológica (do grego *aisthesis*), nos remete aos significados “faculdade de sentir”, “compreensão pelos sentidos”, “percepção totalizante”. Assim, diferente da ciência e do senso comum que apreendem o objeto pela razão, a arte é uma forma de conhecimento que organiza o mundo por meio do sentimento, da intuição e da imaginação. É exatamente o que nos interessa aqui. Explorar os sentidos, cultivar os sentimentos, abrir-se para a imaginação, aceitar o desafio da intuição é educar-se para a criatividade, para a invenção, para o novo (ARANHA, 1996, p. 121).

Para que o ensino não se torne algo ‘robotizado’, mecânico, é necessário desenvolver um trabalho que favoreça uma formação propiciadora de um encontro vivencial com os alunos, contribuindo para que os mesmos pensem e racionalizem acerca de suas vidas, além do que é proposto no ambiente acadêmico, especificamente numa sala de aula.

Sendo assim, o aluno começa a subjetivar sua própria vida e através das ideias e do pensar crítico, cria condições para que possa transformar o desenvolvimento de um ensino/aprendizagem em algo concreto, ultrapassando os limites institucionais impostos, sem desrespeitá-los.

2.1. Pedagogia Não-Diretiva

A Pedagogia não diretiva proposta por Carl Rogers, por visar justamente o não controle no

sentido do sujeito colocar um poder pessoal sobre o conhecimento, ou seja, ser detentor do saber, muitas vezes é acusada, no meio acadêmico, como um caminho simplista, superficial de acesso, enquanto método de ensino.

O não direcionamento dos conteúdos, bastante defendido por Rogers, não significa descartar o que é proposto nas disciplinas a serem ministradas ou deixar simplesmente por conta do aluno a responsabilidade de sua aprendizagem, mas sim aproveitar dos recursos potenciais do indivíduo, para serem ligados com o conteúdo vigente, trazendo os mesmos para a realidade humana existente em cada aluno.

Na realidade social, estamos acostumados a presenciar a cópia, a reprodução de modelos. Assim, o que mais vivenciamos são situações nas quais seguir um padrão pré estabelecido, esperar que o outro nos guie, que venha nos dizer os caminhos a serem percorridos e que ao mesmo tempo nos retire com esta atitude, nosso senso de autoria na vida, gerando um comodismo em nós.

A este respeito, Mizukami (1986) comenta que

Em relação à proposta rogeriana, o não-diretívismo é aqui considerado principalmente no que se refere ao respeito dado ao aluno quanto à sua própria atividade, quanto ao “como” ele irá trabalhar os conceitos, quanto às oportunidades de investigação individual. A forma de solução de cada problema é pertinente apenas a cada aluno e a ele caberá encontrá-la (MIZUKAMI, 1986, p. 84).

Uma das críticas direcionadas a Rogers na educação é voltada exatamente para estas questões: como conceber um ensino centrado no aluno? O aluno escolhe o que irá estudar e por ser mais significativo para sua vida, não ‘obedecerá’ a instituição e assim seguir o próprio caminho? Burlar até mesmo os sistemas implantados de normas e regras? Como fazer com que os alunos tenham uma aprendizagem significativa nesses moldes?

Essas e tantas outras críticas e problemáticas são questionadas e interpretadas equivocadamente no meio acadêmico, visto por muitos como senso comum, metodologia frágil, sem recursos, não cabendo e não podendo ser concebido na educação contemporânea.

A Pedagogia não-diretiva não quer dizer abdicar de todos esses requisitos, mas a ênfase aqui, é de aproveitar todos os recursos potenciais do aluno sem imposição de modelos prontos, regras enrijecidas ou qualquer outro impedimento que desfavoreça o crescimento espontâneo do aluno. Sendo assim, esta não diretividade visa ao aluno primeiramente ligar os conteúdos com sua própria vida, aquilo que o mesmo introjeta em seu interior como algo que seja significativa e o eleve enquanto pessoa, pois o aluno sentirá este desenvolvimento através da experiência orgânica.

Nesta pedagogia, portanto, tem-se o cumprimento de regras sim, transmitir o conteúdo

proposto sim, mas sem ficar refém delas. Aliás, a crítica é bem vinda, mas uma questão a ressaltar é: por que é tão importante se assegurar dos conteúdos a serem trabalhados de forma que cumpra um dever institucional para se ter uma base de início ou ponto de partida?

Esta pergunta é para refletirmos acerca de nossa existência, a fim de que possamos problematizar o que realmente é essencial para o processo de crescimento. Sempre é bom enfatizar que o conteúdo é importante sim, o planejamento, as questões burocráticas e internas devem ser discutidas, mas nesta discussão, quem verdadeiramente é o centro da educação humana?

Nesta discussão, que a Pedagogia não-diretiva traz para o meio acadêmico, percebe-se cada vez mais alunos reproduzindo a aprendizagem transmitida, e não demonstrando realmente estar convicto de suas escolhas e decisões extraídas desta experiência. Nesta abordagem é valorizado o caminho para a liberdade de ser aluno que se encontra inacabado, nunca pronto, mas sempre abertos às diversas significações dos conteúdos que são elencados.

Rogers considera o ato educativo essencialmente relacional e não individual, a força do grupo e das relações interpessoais entre alunos, professores e toda dinâmica que envolve, além de fortalecer o vínculo, enaltece o valor e o respeito entre todos os presentes.

Este tipo de relação favorece a aprendizagem, pois envolve afetividade e abertura a novas experiências que ultrapassam os limites da educação propriamente dita. O aluno sentindo-se acolhido e aceito, abre-se a um processo de restauração de sua persona, na qual será afetado pelo clima proporcionado em sala de aula pelo professor.

A orientação não-diretiva, acredita-se que existe em todo ser humano um processo natural e permanente de desenvolvimento, onde o indivíduo está em busca de sua auto-realização, autonomia e ajustamento. Considera-se que a base necessária para mudanças desejáveis é a aceitação de si, aqui e agora: a partir do que o indivíduo realmente é, os recursos atualmente existentes podem ser descobertos, reconhecidos e utilizados para as mudanças necessárias numa direção mais construtiva (RUDIO, 2003, p. 17).

Orientação não-diretiva nos permite flutuar por lugares jamais vistos, conhecidos e que necessitam serem tocados nesta incessante descoberta pelo ser pessoa, que irá refletir no processo de apreensão do conhecimento, conseqüentemente trará uma nova luz na aprendizagem do aluno.

A não-diretividade não quer dizer sem direção ao caminho a ser percorrido. É justamente o fato de não instruir, conduzir o processo no sentido que haja uma interferência direta da pessoa.

Para (KLOCKNER, 2010, p. 41) não dirigir é diferente de não cuidar, é simplesmente não impor. E cuidar aqui tem um caráter apreciativo, atencioso e observador diante dos fenômenos que acontecem, nesta não-diretividade existe um conteúdo que está muitas vezes implícito no aluno e que será investigado para deixar fluir a essência da pessoa.

Acentua-se nesta tendência o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo esforço está em estabelecer um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo, isto é, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente. Conteúdos de ensino – a ênfase que esta tendência põe nos processos de desenvolvimento das relações e da comunicação torna secundária a transmissão de conteúdos. Os processos de ensino visam mais facilitar aos estudantes os meios para buscarem por si mesmos os conhecimentos que, no entanto, são dispensáveis. Métodos de ensino – Rogers explica algumas das características do professor “facilitador”: aceitação da pessoa do aluno, capacidade de ser confiável receptivo e ter plena convicção na capacidade de autodesenvolvimento do estudante. Relacionamento professor-aluno – a Pedagogia não diretiva propõe uma educação centrada no aluno, visando formar sua personalidade através da vivência de experiências significativas que lhe permitam desenvolver características inerentes à sua natureza. Pressupostos de aprendizagem – a motivação resulta do desejo de adequação pessoal na busca da autorrealização; é portanto um ato interno. A motivação aumenta, quando o sujeito desenvolve o sentimento de que é capaz de agir em termos de atingir suas metas pessoais, isto é, desenvolve a valorização do “eu”. Aprender, portanto, é modificar suas próprias percepções (LUCKESI, 2011, p. 78-80).

O papel da escola nesta perspectiva não-diretiva tem a função de propiciar um clima favorável em que haja confiança mútua entre as pessoas, liberdade e apreciação de cada parte integrante, sendo transparente e responsável, empático e considerando o outro positivamente, independente de quem seja.

O valor atribuído aqui é de mudança personalística do indivíduo, sobretudo o que ele (a) experimenta em cada ambiente. É um desafio que ultrapassa os limites pedagógicos, um olhar para além dos trabalhos de caráter conteudista, pragmático e rotineiro.

Esta forma de chegar no aluno, alcança-o no sentido do mesmo identificar o seu próprio jeito de aprender e apreender, assimilar questões que não envolvem só o processo cognitivo, mas que para compreender bem, é preciso sentir e vivenciar os significados do que o conteúdo oferece. Sem esta afetação, não se produz sentido e sobre esta perspectiva é que se desenvolve a pedagogia não-diretiva.

Enquanto método de ensino esta pedagogia propõe a educação que tem como o centro, a pessoa, antes de qualquer papel que venha a ser desempenhado. Desta maneira o professor é um facilitador no processo de ensino/aprendizagem, sendo um apoio, auxílio e não um guia causador de dependência por parte do aluno.

Este processo de ensino visa a formação da personalidade do aluno como pessoa, através

dos conteúdos validados em sala de aula. Transmitir o conteúdo e para este virar conhecimento, passa pela experiência significativa, realidade que o aluno acaba absorvendo diante da situação vivenciada.

A aprendizagem tem por motivação instigar em cada organismo humano a capacidade de se autorrealizar, esta serve de base para a busca de mudanças internas para que a própria percepção do homem também se modifique, na experiência processual de seus limites e possibilidades.

Sentimento este da aprendizagem que o aluno porventura possa ter diante das experiências dolorosas vivenciadas anteriormente, que influencia no desenvolvimento cognitivo na atualidade. Evidente que os professores não têm condições de arcar com a demanda dos alunos, mas há formas de que ao menos esses alunos possam em meio as suas diferenças, respeitar-se e respeitando os demais tornando, desta maneira, o ambiente propício ao crescimento coletivo.

Se esta consciência incorporar organicamente como refere Rogers, cada qual com sua velocidade, forma e ritmo, o aluno irá não apenas pensar o seu desenvolvimento, mas o crescimento da coletividade, pois também sentirá responsável pelo outro e assim virará uma grande comunidade de aprendizagem. O'Hara, por exemplo, testemunha isto, ao mencionar que

[...] no trabalho de Rogers, encontrei exatamente o que estava procurando. Encontrei uma metodologia, uma forma pura de exploração científica sendo utilizada por seres humanos na exploração de si próprios e uns dos outros, mas que não era diferente – em essência – de nenhuma busca científica de compreensão dos segredos universais (O'HARA, 1983, p. 106).

Maureen O'Hara escreve acima, testemunhando que o trabalho de Rogers e sua metodologia influenciou e provocou várias questões em seu pensamento, principalmente de como atingir o ser humano de uma forma que o conheça e explore este conhecimento de maneira que se baseie também de forma científica.

Portanto, a Pedagogia não-diretiva tem um caminho de ensino de forma não impositiva, padronizada, mas sim, de ser explorado subjetivamente a fonte de aprendizado da humanidade existente em cada aluno, à partir de suas vivências acadêmicas e pessoais, onde tudo é um todo, tudo se relaciona e tudo tem a possibilidade de se modificar.

2.2. Papel do Professor

No que diz respeito ao papel do professor, há uma abrangência em torno desta temática na educação superior, uma problemática que envolve postura, adequação, adaptação, linguagem, relação com o conhecimento, experiência, entre tantos outros temas que são ligados. Seria, no

mínimo, insanidade e irresponsabilidade dizer que o papel do professor se resume a transmissão do conhecimento ou em pensar só burocraticamente à prática docente.

São vários os elementos que compõem este papel como elencados acima, mas o primordial é de educador, uma responsabilidade que carrega em si, sentimentos de cuidado, respeito aos princípios, valores, aproximando da realidade subjetiva do educando que por sua vez também incorporará, para “educar, antes é necessário educar-se”.

Esta educação voltada para os educadores de que para educar, antes educar-se, necessariamente deve estar envolvido num processo em que haja relação com o ensino/aprendizagem, relação esta que é dialogada com a vivência dos conteúdos teóricos para dar sentido ou ressignificar os caminhos do saber, isto partindo de uma relação ensino e aprendizagem consigo e a outra pessoa, ou seja, educar-se significa olhar-se para o próprio desenvolvimento a nível intelectual, afetivo e vivencial, a junção dessas três instâncias promoverá autonomia na formação dos professores.

O estímulo do lado afetivo ou emocional do estudante – amor, empatia, percepção e imaginação – ou foi negligenciado ou deixado para o indivíduo, para sua família ou para o acaso. Quase sempre, o acaso prevalece, e o resultado vem a ser homem-incompleto que, como seus professores, foi educado, no melhor dos casos, para funcionar eficazmente apenas no plano intelectual. A aprendizagem pode ser agradável se for humanizada. E além de tudo, a aprendizagem que preserva o elemento humano está muito mais próxima da vida. O intelectual deve estar ligado ao emocional se o comportamento quiser manter uma qualidade humana (LYON, 1977, p. 44).

Relevante pensar que o papel de uma determinada instituição acadêmica, é a problematização do conhecimento, isto se dá de diversas formas, uma delas talvez a mais conhecida, é através de uma via cognitiva, onde se desenrola os processos do conhecer, aprender e/ou retenção do conhecimento através da apreensão de significados.

Este entendimento de compreender cognitivamente na abordagem humanista, é parte do processo, o plano intelectual da formação é fundamental, desde que o sujeito esteja aberto e receptivo para o enfrentamento da mesma, se não, pode virar apenas informação, conteúdos que são passados, sem afetação, muitos menos produção de sentidos.

Nem todo conteúdo despertará motivações para aprendizagem do aluno, mesmo que o conteúdo não faça sentido para o mesmo, o trabalho de ressignificação, ou seja, um olhar que vai além do conteúdo proposto, é necessário ser desenvolvido, para que assim possa reverberar no interior orgânico do aluno, fazendo o *link* de alguma forma com sua própria vida para que se torne significativo.

Esta significância ocorre através da afetividade, de transcender a experiência que talvez não faça sentido *a priori*, mas utilizando recursos potenciais do próprio aluno, poderá ser lincado o conteúdo experimentado, com o que acontece na experiência individual e coletiva dos alunos.

Assim, teremos a possibilidade de humanização das relações humanas, quando partimos de outra realidade e enquanto educador, o papel é de promover os vínculos no que se refere a afetividade para o crescimento espontâneo do aluno.

Educação humanista constitui algo simultaneamente simples e complexo. Envolve uma tentativa para se ser humano e para se compreender que “o papel do professor” não é uma roupagem profissional, que se veste ao entrar na sala de aula e se pendura na cabide ao sair. Tentar ser um educador humanista significa em primeiro lugar você tem de estar sinceramente interessado, envolvido ou ligado aos indivíduos que são seus alunos. Em segundo lugar, você tem de aprender como comunicar esse interesse. É essa combinação de interesse e a tentativa de comunicá-lo, que parece ser a base do que é chamado de educação humanista. O tema pode tornar-se uma chave para um futuro autodesenvolvimento ou compreensão de si mesmo, se ele for tratado como tal. Isto não quer dizer que a disciplina transforma-se num veículo para uma “sessão de sensibilidade”; significa, isto sim, que o assunto poderá formar um elo cognitivo que, num ambiente genuinamente estimulante, une ou possibilita que dois ou mais indivíduos partilhem uma idéia, pensamento ou emoção. Esse uso da idéia ou tema pode ser uma experiência extremamente “afetiva”. Ser um educador humanista implica em trabalhar com cada aluno como se ele fosse um indivíduo único, e em interessar-se em algo mais do que no “condicionamento” impessoal ou no ciclo de “memorização – regurgitação” que normalmente caracteriza a sala de aula da universidade. Abrange coisas aparentemente simples, tais como aprender os nomes dos alunos, o motivo pelo qual cada um está frequentando o curso, o que cada um espera obter da experiência, e o que cada um está disposto a contribuir para o grupo (LYON, 1977, p. 199-200).

A consciência do papel de professor como dito anteriormente, é de experienciar humanização. Portanto, é fundamental entender que ser educador humanista é pensar de forma integral o indivíduo, aproximar da linguagem do educando que não é só a verbal, mas cognitiva, afetiva, vivencial e a forma com que cada aluno lida, concilia e vive estas principais fontes de comunicação.

Conhecer a perspectiva do aluno, o que lhe interessa e como são fontes fundamentais para fazer um trabalho, aproveitando os recursos de cada um, ligando à disciplina e o conteúdo vigente, independente do proposto, enquanto professor, buscar meios de identificação, complementação e ligação com a realidade experienciada de cada sujeito.

Este vínculo não visa somente a relação professor/aluno, mas prevê sua extensão no âmbito educacional de forma geral. Esta aproximação da relação, porém, não será confundida em cada papel, uma vez que tanto educador como educando, não devem, sob nenhuma hipótese perder o senso de identidade, muito pelo contrário, pois o receio de se perder nesta relação, antes de mais nada revela o fato de não estar seguro de si mesmo, pois quem é livre, se aproxima do vínculo.

Para que esta proximidade com a sala de aula aconteça, (ZIMRING, 2010, p. 21) diz: “[...] essencial que o formador, ou o professor, crie desde o início uma atmosfera ou um clima nos quais se desenvolverá a experiência real pelo grupo ou classe. O formador deverá contribuir para definição e para a clarificação dos objetivos pessoais de cada membro da classe e também para os objetivos gerais comuns ao grupo”.

Esta atmosfera é criada à partir de um acolhimento existencial, onde o grupo será fortalecido em sala de aula por um clima favorável objetivando a aprendizagem, liberdade de expressar o que cada aluno pensa e o sente, aliada à confiança e segurança de sentir-se livre, respaldado pelo professor que tem o papel de facilitador deste processo.

Com esta experiência, serão delineados os objetivos gerais e específicos, acerca da temática envolvida e os compromissos pessoais de cada aluno perante ao conteúdo. Este comprometimento é mensurado a partir do quanto de afeto é destinado e concentrado diante da responsabilidade de tornar um trabalho significativo para a vida.

No exercício das suas funções de facilitador de aprendizagem, o educador procura reconhecer e aceitar suas próprias limitações. Dá-se conta de que só pode proporcionar liberdade a seus alunos na medida em que se sente confortável ao dar esta liberdade. Só pode ser compreensivo na medida em que deseja realmente entrar em comunhão com o mundo interior dos seus alunos (ZIMRING, 2010, p. 114).

O interessante aqui é que o professor procura, ao mesmo tempo em que é um facilitador da aprendizagem, ser um auto-crítico de sua postura como pessoa e profissional, pois quanto maior o reconhecimento e aceitação de seus limites, maior a transparência transmitida ao seus alunos. Com esta prática, seus alunos perceberão que ambos estão em processo de construção humana.

Evidente que cabe ao professor uma responsabilidade diferente devido ao seu papel e função como educador, mas o processo deve acontecer primeiramente no ser de quem é instrumento de formação, portanto, para haver comunhão nesta relação, é preciso compreender subjetivamente o que ocorre também no mundo interior do indivíduo.

O papel do professor não se limita a algumas técnicas a serem aplicadas; ao contrário, é integrado na sua personalidade dependendo de características pessoais e de como estas são percebidas pelo aluno; o professor humanista é uma pessoa que percebe o processo de aprendizagem escolar como uma situação geradora de

crescimento pessoal, onde estão engajados tanto os alunos como ele próprio e onde o significado desta relação é vital para ambos; o professor é uma pessoa que percebe seus alunos como pessoas capazes de promover sua própria realização, como seres envolvidos no crescimento e ampliação da própria identidade como ele mesmo, capaz portanto, de compreender as necessidades de seus alunos e as suas, agindo em função delas, isto é, visando sua gratificação; a competência do professor é uma das condições para realização eficiente do processo de aprendizagem; será eficaz na medida em que tiver como questão subjacente e diretriz: “como auxiliar as pessoas a se tornarem mais aquilo que são, a realizarem o seu potencial inerente?” (PRETTO, 1978, p. 91).

As técnicas e os instrumentos de trabalho são importantes. Devem sim ser levados em consideração, mas não é o foco principal do papel do professor humanista. Antes da ferramenta, a preocupação é o investimento no ser humano, através do auto conhecimento, da busca identitária. Bem anterior, portanto, a qualquer formação que venha agregar o trabalho docente.

Para o humanista, tudo que contém energia vital, é fonte de exploração para formação personalista do sujeito. O professor, ao promover a autorrealização do aluno, percebe e valoriza nestes, o potencial criativo e inovador, ampliando as perspectivas do aluno que está em busca de si mesmo.

Dentre os papéis centrais do professor a pergunta chave à questão existencial inerente em cada aluno é a seguinte: como propiciar aos alunos tornarem aquilo que são e realizarem seu potencial criativo? Nos capítulos anteriores foi destacado este encontro formativo com a personalidade, e fica aqui registrado que enquanto educador, é um alvo a ser visado e objetivado.

O elemento saliente na atuação do professor é sua sinceridade, sua autenticidade, a ausência de máscara. Pode ser uma pessoa real em sua relação com os alunos. Pode sentir cólera. Pode também ser sensível e compreensivo. Como aceita seus sentimentos como seus, não precisa impô-los a seus alunos. Pode não gostar do que um estudante fez, sem supor que é objetivamente mau ou que o estudante é mau. A verdade é apenas que, como uma pessoa, não gostou do trabalho. Portanto, é uma pessoa para seus alunos, não uma encarnação anônima de uma exigência curricular, não um tubo estéril através do qual o conhecimento passa de uma geração para outra (ROGERS, 1977, p. 68).

A autenticidade do professor é fundamental para que haja respeito na relação com o aluno. Tentar compreender a sua realidade, não significa ser bonzinho e concordar com tudo para ser aprovado. Porém, ao não gostar de algumas atitudes destes, deve-se assumir o que está sentindo, porque o aluno ao perceber que o professor não gostou de algo, sentirá que não é um fantoche ou algo do gênero, mas integrante ativo de uma relação saudável como se pressupõe as práticas de pessoa para pessoa.

Ser verdadeiro, é reconhecer e assumir esses afetos, manifestando-os de forma adequada para cada indivíduo. O professor não é mecânico, ao contrário é atravessado pelas relações estabelecidas com os alunos e outras questões muito subjetivas, e sente como qualquer e tem os seus dias provados também.

Quando um professor finalmente descobre, como eu descobri há alguns anos, que você não precisa ter todas as respostas, que é mais bonito e agradável ser um ser humano natural na sala de aula do que usar a sua máscara de “perfeição”, produz-se uma transformação. Nós precisamos, de alguma forma, construir um modelo de escola de educação que ajude a fornecer aos professores o poder provocado pela descoberta e pelo amor do próprio eu – o poder de se livrarem dos seus papéis de professores e de se tornarem seres humanos, que compartilham com seus colegas as experiências de aprendizagem (LYON, 1977, p. 319).

A formação docente, no sentido de pensar a conscientização de seu papel e sua função enquanto educador, é de não concentrar as forças e as expectativas do conhecimento, sendo delegadas ao professor, a responsabilidade e autoridade de ser um detentor do saber ou como se fosse um direcionador de caminhos a serem trilhados.

Quando se fala em formação docente, trata-se de firmar o amor ao conhecimento do próprio eu, de ter sede de buscar, em favor do desenvolvimento individual, sem a pretensão de utilizar do papel de professor para demonstrar vaidades intelectuais ou trabalhar em função delas.

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitado como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal. A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores. Aceito até abandoná-la, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos (FREIRE, 1996, p. 67).

Paulo Freire nos apresenta, no excerto acima, esta forma humanista de chegar e alcançar o educando com respeito e humildade. Numa outra realidade existente, o valor e a dignidade à pessoa devem estar acima de qualquer diferença, sabendo que cada aluno traz em si, as marcas vividas e

que isto influencia no desenvolvimento seja enquanto pessoa, seja enquanto aluno, no processo de gestação do conhecimento.

O nível de conhecimento do aluno não se mede só por meio intelectual e nem se quer colocar este em comparação com alguém, muito menos desconsiderá-lo por não saber ou conhecer menos do que o esperado, o respeito ao ritmo, espaço, tempo de cada um, deve ser prevalecido com uma atitude receptiva diante daquilo que vem por parte do aluno.

Através da humanização atinge-se e são diminuídas as diferenças existentes numa sala de aula, por exemplo. Sabe-se que cada pessoa tem um ritmo diferente com relação aos outros, mas nunca deve ser considerado como inferior, atrasado, sendo tratado este (a) de maneira descartável, sem valor.

As idéias de Freire resgata o valor e a capacidade que temos de amar o próximo, neste caso, o educando, afim de despertá-lo não só o interesse pelo conteúdo que está sendo ministrado, mas também pelo sentimento formativo da educação. Como podemos tratar e relacionar com as pessoas de modo que elas se sintam melhores para o seu processo de autonomia na vida? Esta é a questão em foco que precisa ser instigado e que Freire nos ensina com a qualidade de ser um humanista, o desenvolvimento de ser pessoa.

Há tantos meios de se tornar um educador humanista quanto há seres humanos. Portanto, se você se tornou um adepto, deixe que os seus esforços educacionais humanistas reflitam a sua própria individualidade e idéias únicas. Se quisermos mudar a educação e levar vida para as salas de aula do nosso país, milhares de professores têm de se encarregar de espalhar para outros professores a palavra, o sentimento e aquela alegria que vem quando “aprendemos a sentir e, sentindo, aprendemos” (LYON, 1977, p. 379).

O educador que opta por uma educação humanista, escolhe por um modelo de ensino que propõe o aprendizado pelo ser humano livre, aberto às suas raízes em essência originária. Ou seja, ela é resgatar os valores mais recônditos no indivíduo, é olhar para o aluno e se preciso for “descer um degrau no conhecimento” para que ele (a) sinta apreciado no que sabe atualmente e que está numa crescente evolução.

O campo sensível ainda é visto como tabu, muitas vezes rotulado como um sinal de fraqueza. Entre os mais variados fatores que necessitam ser explorados, o mais relevante é o que valoriza a capacidade de sentir o processo educacional acontecendo nos mínimos detalhes, em cada intenção de ser melhor. Sentimento este que favorece a aprendizagem, e eis aí o papel do professor, ser um facilitador de humanidade para as relações, um convite para quem quer ser um educador humanista.

2.3. Aprendizagem Significativa

A discussão em torno do processo de aprendizagem do aluno é algo que sempre está em pauta no desenvolvimento da prática pedagógica por parte do professor. Verificar quais as condições do aluno perante as dificuldades e as limitações acerca do nível de desenvolvimento intelectual e outras demandas correlacionadas a esta problemática fazem parte das inquietações da carreira docente.

Quando se trata de aprendizagem do aluno na educação superior, temos que fazer uma leitura contextualizada, que possibilite um olhar diferenciado diante da história de aprendizagem com que cada aluno vivenciou, desde os primeiros dias na escola até o momento. É evidente, porém, que isto não é papel do professor, mas também deve ser levado em consideração, para a compreensão dos elementos norteadores do processo ensino-aprendizado, extremamente importantes para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Para mim, facilitar a aprendizagem é o objetivo da educação, a maneira pela qual podemos aprender a viver como indivíduos que querem tornar-se pessoas ... Sabemos ... que a iniciação de tal aprendizagem não se baseia nas habilidades pedagógicas do líder, nem no conhecimento erudito que tem do assunto, nem em seu planejamento curricular, nem na utilização que faz dos recursos audiovisuais, nem no ensino programado que emprega, nem em suas preleções e exposições, nem em uma abundância de livros, embora, em certas ocasiões, cada um destes itens possa ser utilizado como um expediente importante. Não, a facilitação da aprendizagem significativa se baseia na qualidade das atitudes que existem no relacionamento pessoal entre o facilitador e aquele que aprende (LYON apud Carl Rogers 1977, p. 97).

Lyon enfatiza, no pensamento acima que o educador não é um guia, um modelo a ser seguido. Poder aprender não está nas mãos dele (a) enquanto aluno. Seu papel, como professor é de apenas ser um facilitador de um processo que visa as mudanças das situações, mas isto depende muito mais do aluno. Assim, facilitar a aprendizagem é estar presente não só fisicamente, mas acompanhar a maturação do aluno, de forma congruente, o professor reflete através de seu comportamento enquanto pessoa, a formação cidadã que o aluno precisa para o seu auto desenvolvimento.

A aprendizagem ultrapassa a esfera intelectual. Ela deve tocar o ser para que se torne significativa, e à partir de então, direcionar o que mais importa, ou seja a busca de sentido de vida.

Através dela, o sentimento da aprendizagem será plantada, cuidada e florescida.

Aprender, na linha rogeriana, é mudar, é reduzir o grau de dependência com relação ao professor, renunciando a certas satisfações que essa dependência proporciona: é conquistar maior autonomia e, por isso mesmo, é expor-se a novos riscos (JUSTO, 1975, p. 126).

O aluno deve desenvolver constantemente a prática de pensar, repensar e encontrar sua forma, seu jeito de aprender o conteúdo e tornar realmente o conteúdo como uma experiência de vida, racionalizando o conhecimento, favorecendo seu crescimento espontâneo, e desta maneira facilitando o seu processo de aprendizagem.

A aprendizagem significativa verifica-se quando o estudante percebe que a matéria a estudar se relaciona com os seus próprios objetivos. De maneira um tanto mais formal, dir-se-á que uma pessoa só aprende significativamente aquelas coisas que percebe implicarem na manutenção ou na elevação de si mesma (ROGERS, 1972, p. 154).

Quando o aluno se envolve pelo conteúdo transmitido, mesmo que não faça sentido para ele (a), mas por meio de um ressignificar da disciplina proposta, consegue extrair algo de positivo para sua vida, além de simplesmente passar pela matéria, acaba encontrando subsídios necessários para canalizar o conteúdo associando com seu projeto de vida. Fazendo isto, com certeza algo de transformador acontecerá no aluno, no professor e no ambiente na qual está sendo vivenciado a experiência.

Entendo por aprendizagem significativa aquela aprendizagem capaz de influenciar o nosso comportamento, é ameaçadora em certa medida. Se estou prestes a aprender alguma coisa suscetível de mudar a imagem que tenho de mim mesmo ou a forma como reajo a situações, isso não pode deixar de ser perturbador. Toda aprendizagem significativa tende a envolver uma certa dose de ameaça e dor, desde as muito moderadas às, por vezes, intoleravelmente severas (FRICK, 1975, p. 118).

Não é fácil o desprendimento do aluno em aprender, e isto gera um sofrimento psíquico, intelectual, pois se parte de um esforço e do que já está acostumado a vivenciar na forma do estudo, e enxergar os problemas e dificuldades.

Agindo desta maneira, o processo de aprendizado, se torna sacrificante e ameaçador, e assim sair de uma posição confortável, muitas vezes robotizada no modo de aprendizagem, para uma busca diferente e nova, acaba envolvendo um conflito até existencial, levando o aluno a duvidar de sua própria capacidade.

Por isso que mexer em algum ponto na forma de aprender, pode causar um desconforto e desequilíbrio para o aprendente, pois aprendeu em toda sua vida de um jeito e de repente, aparece uma nova assertiva afirmando: existem novas possibilidades de desenvolver o processo de

aprendizagem.

Neste momento, o aluno sentindo-se inseguro, com medo e receoso do que poderá vir, acaba se sentindo travado, por vezes se auto sabotando ou chega ao ponto de não enxergar a ameaça e torna em sofrimento o processo de aprendizagem. É preciso entender este como algo necessário e positivo não só pelo desenvolvimento cognitivo, mas a segurança e a confiança na pessoa, pois esta sim, dará forças para o enfrentamento de suas necessidades.

O potencial do aluno e esta confiança em sua capacidade devem ser exploradas, valorizadas e preservadas, porque este não é apenas o bem supremo da pessoa num processo de realização do estudante, mas sim algo que vai muito além disso, uma marca identitária.

(...) Quando se acha num ambiente em que está certo de sua segurança pessoal e quando se convence de que não há ameaça ao seu eu, vê-se, uma vez mais, livre para (...) progredir no processo de aprendizagem. É por meio de atos que se adquire aprendizagem mais significativa. A aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsabilmente, do seu processo. A aprendizagem auto-iniciada que envolve toda a pessoa do aprendiz – seus sentimentos tanto quanto sua inteligência – é a mais durável e impregnante. A independência, a criatividade e autoconfiança são facilitada, quando a autocrítica e auto-apreciação são básicas e a avaliação feita por outros tem importância secundária. A aprendizagem mais socialmente útil, no mundo moderno, é a do próprio processo de aprendizagem, uma contínua aberta à experiência e à incorporação, dentro de si mesmo, do processo de mudança (LYON, 1977, p. 123-124).

Como é possível inferir do comentário acima, o sujeito se sente ameaçado quando o ambiente não é seguro ou existe nas entrelinhas um ar de arrogância, prepotência no saber, partindo, muitas vezes, dos próprios alunos esta postura. Por isso, a importância do facilitador da aprendizagem entrar em cena e incorporar seu papel neste momento, invertendo a realidade e fazendo do ambiente antes hostil, num local adequado para o aprendiz. Daí a necessidade de o professor, estar consciente e sensivelmente aberto para essas demandas, afim de criar um clima favorável entre os alunos, independente do nível de aprendizagem com que cada um traz sua experiência.

Numa sala de aula onde as diferenças são bem perceptíveis, existem diversas influências que acabam sendo decisivas em práticas que inibem o desenvolvimento do aluno. É possível ver, por exemplo, alunos que sequer conseguem ler em voz alta, por vergonha por exemplo. Também temos casos em que falar em público causa pânico, e outros ainda têm vergonha de ouvirem em voz alta o seu próprio nome.

Os alunos trazem para o ambiente de sala tantas cargas pesadas em sua história, inclusive algumas mal resolvidas, com diversos complexos, traumas, injúrias recebidas ao longo de sua vida

e cada um com seus desabores, desgostos, e isto faz com que nós, enquanto papel de educadores, repensemos algumas questões que vão além da burocracia de transmitir o conteúdo e poder concluí-los a tempo por uma obediência institucional, pois existe um compromisso sim, e este por sinal deve ser respeitado, mas não colocá-lo como prioridade absoluta entre os objetivos principais.

Quando um aluno está com uma dificuldade na aprendizagem e o professor, no papel de facilitador, envolve os demais alunos, fazendo com que os mesmos participem desta trama, encorajando este aluno em “apuros”, o grupo todo se beneficia com o processo. Assim, o grupo adquire confiança e segurança de expressarem quem realmente são sem reservas, pois como refere Klockner

Os conteúdos dessas aprendizagens têm também significações sociais. O indivíduo enquanto ser bio-psico-social, vive num mundo onde a interação humana forma o contexto essencial para aprendizagem. No entanto, a educação trata os conteúdos dessas aprendizagens como fragmentos isolados da experiência humana que está sempre numa tremenda mutação/transformação. A facilitação da aprendizagem começa a ser construída quando os atores podem desconstruir seus papéis e a sua relação de poder e se relacionar enquanto co-aprendizes, na clarificação de motivações e estabelecimento de uma comunicação mais autêntica em busca do conhecimento (KLOCKNER, 2010, p. 109).

O contexto relacional é fundamental, a sociabilização entre os alunos faz com que as diferenças diminuam e aumente o fervor e a capacidade de doação pelo próximo ou o aluno que está com maior dificuldade em alguma área na aprendizagem.

Com base nisto é possível inferir que as relações entre os alunos que são estabelecidas no sentido de fazer a aprendizagem desabrochar, depositando confiança a pessoa de cada aluno, e que por diversos motivos possa se sentir retraído perante uma sala inteira, é um dos desafios para que haja aprendizagem significativa.

As dificuldades, por parte do sujeito aluno, são sanadas, se deixarmos o poder de lado, a vaidade, desconstruindo uma imagem de professor ou aluno ideal, partindo da posição de um aprendiz, que sedento pelo conhecimento, mostra os sinais de quem não está só preocupado com seu próprio ‘eu’, individualista, mas concebe a aprendizagem significativa também com a realização do outro, pois como ensina Hannoun

O único homem que hoje podemos considerar como educado, é aquele que tiver aprendido a aprender, que tiver aprendido a adaptar-se e a mudar, que se dá conta de que nenhum saber é seguro, que somente o processo da pesquisa do saber pode dar-lhe base de segurança [...] (HANNOUN apud ROGERS, 1980, p. 23-24).

Esta segurança se adquire aos poucos, é gradativa e caminha rumo a uma aproximação daquilo que tenha ressonância com sua vida prática e subjetiva, na qual será utilizado e canalizado

de forma que seja viabilizado a aprendizagem como um todo processual, atualizando este aluno que chega muitas vezes desmotivado, receoso, desesperançado nas salas de aula.

Com esta forma de viabilização da aprendizagem, o aluno irá perceber um profundo desenvolvimento no seu modo de aprender, de reter conteúdos, de melhorar seu desempenho ao interpretar uma questão. A partir daí, começa a identificar seus erros e acertos, o que precisa melhorar, aperfeiçoar e encontrar seu próprio jeito de aprender e organizar seu método de estudo em conjunto com os assuntos pertencentes em sala de aula.

A aprendizagem, portanto, não tem término. Ela está sempre em início de seu ciclo e, através disso, se aprimora, ganha contornos. Isto permite um toque diferente que traz luminosidade ao saber e faz instigar o acesso ao conhecimento, da parte do estudante, em seu papel como aprendiz. Se ele tiver em mente que está por se fazer e refazer, constituir e reconstituir, sempre haverá em cada experiência uma nova produção, e com certeza este aluno encontrará significados profundos em seu caminho de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O tornar-se pessoa na ótica rogeriana: os desafios de constituir-se aprendiz na Educação Superior”, foi a temática pesquisada neste trabalho. A problemática em questão nasceu da vontade em conhecer estes princípios e a sua contribuição para formação identitária do aluno à partir da prática docente. Para tanto, fez-se necessário analisar a obra rogeriana, discutir os conceitos demandados pelo autor e propor reflexões que problematizassem e ajudassem a compreender a relação de ensino/aprendizagem.

A motivação maior da pesquisa surgiu do desejo e de ver os alunos se encontrarem como pessoa em primeira instância, para em seguida, ter convicção do que este (a) quer enquanto aluno do ensino superior, pois, partindo do pressuposto de pergunta de fundo de caráter existencial como: “quem sou eu, qual o sentido de estar no mundo?” A necessidade de atingir o âmago do ser humano aumenta a ponto de ser afetado no sentido de mobilização dos sentimentos em prol desta busca identitária.

A pesquisa adotou a metodologia bibliográfica que direcionou o trabalho visando o levantamento das obras, nas quais Carl Rogers discute o conceito de pessoa. Foram realizadas leituras exploratórias, objetivando selecionar o material a ser analisado. Depois de leituras aprofundadas sobre o assunto, a compreensão e sistematização dos conceitos elaborados pelo autor conduziram a produção do trabalho monográfico.

A obra rogeriana a partir de seu livro “Tornar-se Pessoa” foi uma das fontes principais da qual se extraiu o conceito de pessoa. A teoria de Rogers baseada na (ACP) Abordagem Centrada na Pessoa é denominada pelo próprio autor como “um jeito de ser”. Através disso, foram esclarecidos termos como: ACP, experiência organísmica, tendência atualizante e auto-realização.

Foram pesquisados nos livros *Um jeito de Ser*, *Grupos de Encontro*, *Sobre o Poder Pessoal*, *De Pessoa para Pessoa* e artigos que trataram dos conteúdos pertinentes da pesquisa.

Pôde-se perceber que as três atitudes facilitadoras que Rogers destaca para um funcionamento saudável da pessoa e sua personalidade: congruência, compreensão empática e consideração positiva incondicional, nortearam todo trabalho rogeriano, pois sua metodologia passa por essas três instâncias citadas, nas quais o mesmo buscou vivenciar através da ação prática, nos diversos aspectos de sua vida.

O caminho percorrido por Rogers baseado primeiramente como congruência cujo significado é enunciado da seguinte maneira: o encontro entre experiência decorrentes do organismo, consciência e comunicação ou manifestação dos afetos, sendo autênticos em expressá-los de forma coerente para cada sujeito, ou seja, o aluno tomar consciência de si à partir do que sentiu e como pôde ser canalizado através da ação prática.

Em seguida, foi discutido o conceito de compreensão empática cujo significado é uma paixão. Por esta ótica foi enfatizada, no trabalho, como empatia metaforicamente, é um abandonar a própria pele e passar-se a assumir o papel do outro.

Também foi abordado, a partir dos conceitos de Rogers, no processo de construção da presente pesquisa, a autorrealização como a maior motivação do ser humano. Isto, segundo o autor, se dá pela tendência da pessoa em atualizar sua potência de vida tendo como ponto de partida a experiência que ocorre em seu organismo.

Para concluir as três atitudes formadoras foi abordada a questão da consideração positiva incondicional, ou seja, aceitar o outro como é, estimando a pessoa positivamente, é o meio fundamental para o seu processo de desenvolvimento. Diante desta aceitação, foi esclarecido que a pessoa cresce à medida na qual é enxergada como tal e faz desta experiência um impulso para descobrir e vivenciar sua tendência atualizante.

Na segunda parte da pesquisa foram elencados os seguintes conteúdos: o que é Educação Humanística? Qual o método da pedagogia não-diretiva? Qual é o papel do professor? O que é aprendizagem significativa? Quais os processos para que o aluno da Educação Superior conquiste e amadureça a autonomia.

Por Educação Humanista tem-se aquela que visa uma formação cidadã, na qual a pessoa é o centro da questão, objetivando uma postura crítica e consciente de si mesma, com a capacidade de escolha e poder decisório, sendo responsáveis por tais atos.

Foi pontuada também a formação humana de cada aluno, valorizando sua dignidade e seu projeto pessoal enquanto um sujeito que busca sentido de vida e o seu papel, como educando, além de integrar os componentes cognitivo, afetivo e vivencial do discente.

Ficou evidenciado que pedagogia não diretiva não quer dizer sem direção, mas sim, sem imposição no sentido de conduzir o processo de aprendizagem do aluno havendo uma interferência direta do professor sobre suas decisões.

No que diz respeito ao papel do professor ele (a) é um facilitador da aprendizagem, com o elemento afetivo sempre presente em suas ações, formando assim, o aluno, sujeito da aprendizagem, que por sinal torna-se significativo à partir do momento em que o conteúdo é associado com sua vida.

Portanto, tem-se como compreensão do processo de tornar-se pessoa na ótica rogeriana, consiste, em fazê-la uma pessoa integrada, a partir da vivência da congruência, na qual os desafios do aluno para tornar-se sujeito da aprendizagem na Educação Superior são enormes, pois o mesmo deverá partir de quem realmente ele é, para em seguida saber direcionar seus caminhos perspectivando a aprendizagem significativa em teu ser aluno.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2ª edição. São Paulo: editora Moderna, 1996.
- CANDAU, Vera Maria. (Org). **A didática em Questão**. 28º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 35ª edição. São Paulo: editora Paz e Terra, 1996.
- FRICK, Willard B. **Psicologia Humanista**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- HANNOUN, Hubert. **A atitude não-directiva de Carl Rogers**. 1ª Ed. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 1980.
- JUSTO, Henrique. **Carl Rogers: Teoria da Personalidade Aprendizagem Centrada no Aluno**. 2ª Ed. Porto Alegre, RS: Emma, 1975.
- KLOCKNER, Francisca Carneiro de Sousa. (Org). **Abordagem Centrada na Pessoa: A Psicologia Humanista em Diferentes Contextos**. Londrina-PR: Ed. Unifil, 2010.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 2ª edição. São Paulo: editora Cortez, 2011.
- LYON, Harold Clifford. **Aprender a Sentir-Sentir para Aprender**. 1ª Ed. São Paulo:

Martins Fontes, 1977.

MAIA, Rubens dias. **O Conceito de Identidade na Filosofia e nos Atos de Linguagem.**

<https://www.google.com.br/#q=O+conceito+de+identidade+na+filosofia>. Disponível em:
<http://www.ppgl.ufscar.br/novo/arqs/resumos/1308128363_019rubensdias.pdf>.

Acesso em: 02 fevereiro. 2015, 15:10:15.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos. Et al. **Conhecimentos, (Re) Construções e Práticas Pedagógicas.** Francisco Beltrão: Unioeste – Campus Francisco Beltrão, 2009.

MILHOLLAN, Frank.; FORISHA, Bill E. **Skinner X Rogers:** maneiras contrastantes de encarar a educação. São Paulo: Summus, 1978.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino:** As Abordagens do Processo. 1ª edição. São Paulo: editora EPU, 1986.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento:** Planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 2ª edição. Petrópolis – RJ: editora Vozes, 2008.

PRETTO, Siloé Pereira Neves. **Educação Humanista:** características de professores e seus efeitos sobre alunos. 1ª Ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

ROGERS, Carl R. **Liberdade para Aprender.** 2ª Ed. Minas Gerais: Interlivros, 1972.

ROGERS, Carl R.; ROSENBERG, Rachel L. **A Pessoa como Centro.** São Paulo: EPU, 1977.

ROGERS, Carl R.; STEVENS, Barry. **De Pessoa para Pessoa:** O problema de Ser Humano. São Paulo: Pioneira, 1977.

ROGERS, Carl R. **Sobre o Poder Pessoal**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ROGERS, Carl R. et al. WOOD, John K. et al O'HARA, Maureen Miller. et al. FONSECA, Afonso Henrique L. da. **Em Busca de Vida**: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983.

ROGERS, Carl R. **Um Jeito de Ser**. São Paulo: EPU, 1987.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl R. **Grupos de Encontro**. 9ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ZIMRING, Fred. **Carl Rogers**. 1ª Ed. Recife: Ed. Massangana, 2010.